

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE – INSTITUTO DE ARTES E
COMUNICAÇÃO SOCIAL
MATHEUS MARQUES DA CUNHA CARVALHO

QUEM É DO MÉIER NÃO BOBÉIER

Análise da política de gestão do Imperator – Centro Cultural João
Nogueira, a partir da territorialidade e da construção de identidades no
Méier.

Niterói
2014

MATHEUS MARQUES DA CUNHA CARVALHO

QUEM É DO MÉIER NÃO BOBÉIER

Análise da política de gestão do Imperator – Centro Cultural João Nogueira, a partir da territorialidade e da construção de identidades no Méier.

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Produção Cultural da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial para obtenção do Grau de Bacharel.

Orientadora: Prof.^a Ma. Flávia Lages

Niterói

2014

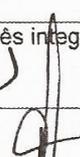
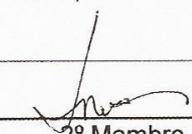


SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE ARTE E COMUNICAÇÃO SOCIAL
COORDENAÇÃO DA GRADUAÇÃO EM PRODUÇÃO CULTURAL - GGR

ATA DE APRESENTAÇÃO DE TRABALHO FINAL DO CURSO DE PRODUÇÃO CULTURAL

IDENTIFICAÇÃO DO TRABALHO	
Nome do Candidato: MATHEUS MARQUES DA CUNHA CARVALHO	Matrícula: 11033021
Título do Trabalho: QUEM É DO MEIER NÃO BOBÉIER!- ANÁLISE D APOLÍTICA DE GESTÃO DO IMPERATOR- CENTRO CULTURAL JOÃO NOGUEIRA A PARTIR DA TERRITORIALIDADE E DA CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES DO MÉIER	
Orientador: Me. Flavia Lages	
Categoria: Monográfica	Data da Apresentação: 14.07.2014

BANCA EXAMINADORA
1º Membro (Presidente) Me. Flavia Lages
2º Membro: Dr. Luiz Augusto Rodrigues
3º Membro: Dr. Maria Teresa Mattos de Moraes

AVALIAÇÃO:		
Análise / Comentário <p>O ALUNO APRESENTOU UM OBJETO RELEVANTE. DEBATEU AS ESPECIFICIDADES DAS TEORIAS APOLÍTICAS AS QUESTÕES DE IDENTIDADE E TERRITORIALIDADE ATRELANDO AS APROPRIAÇÕES SIMBÓLICAS DOS ESPAÇOS AO SEU OBJETO DE FORMA COMPETENTE.</p> <p>A PESQUISA DE CUNHA FOI DESTACADA PELO BANCA SEM COMO O FATO DO ALUNO TER APRESENTADO DIALOGAR ENTRE IDENTIDADE LOCAL E O ESPAÇO, TENDO A APRESENTAÇÃO TAMBÉM METODOLOGIA DE PESQUISA INTERESSANTE.</p> <p>RECOMENDA-SE QUE O ALUNO APROFUNDE O TEMA E A REFLEXÃO</p>		
Nota Final (média dos três integrantes da Banca Examinadora): 9.0 (NOVE)		
ASSINATURAS		
 1º Membro (Presidente)	 2º Membro	 3º Membro

MATHEUS MARQUES DA CUNHA CARVALHO

QUEM É DO MÉIER NÃO BOBÉIER

Análise da política de gestão do Imperator – Centro Cultural João Nogueira, a partir da territorialidade e construção de identidades no Méier

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Produção Cultural da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial para obtenção do Grau de Bacharel.

Aprovado em 14 de junho de 2014.

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: Prof.^a Ma. FLÁVIA LAGES DE CASTRO
Universidade Federal Fluminense

Prof. Dr. LUIZ AUGUSTO FERNANDES RODRIGUES
Universidade Federal Fluminense

Prof.^a Ma. MARIA TERESA MATTOS DE MORAES
Universidade Federal de Uberlândia

NITERÓI
2014

Dedico este trabalho aos meus pais, aqueles que se apropriaram dos meus sonhos como se fossem deles, mesmo sem compreendê-los.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, a Deus, pela oportunidade de estudar, e a Meishu-Sama, por me indicar sempre o caminho.

Aos meus pais, Marcos e Gisele, pelo exemplo de integridade, esforço, reinvenção, e pelo apoio incondicional; por me colocarem de pé e me ensinarem a levantar.

Aos meus irmãos, Marquinho e Luccas, pela alegria, cumplicidade e amor.

Aos meus avôs e avós, pelo tudo que são e serão sempre.

A toda a minha – extensa – família, tios, primos, tias-avós, pela torcida e presença.

Aos amigos que a UFF me trouxe, Mariana Rollin, Alexandre Garcia, Sarah Mirailh, Guilherme Lopes, Jessica Carlos, Beatriz Terra, e tantos outros, por todos os momentos que vocês bem conhecem. Aos queridos amigos Fillipe Lezo, William Santos, Fabiane Mello e Jeniffer Coutinho, por acreditarem em mim e nas minhas ideias sempre. Às amigadas de última hora, Carolina Goulart, Talitha Caetano, Sabrina Fortes e Nátani Torres.

A todos com quem tive o prazer de trabalhar e usufruir de oportunidades maravilhosas, em especial Caroline Moreira, Paula Alves, Andrea Raw, Isabella Martins, Elaine Pinto, João Braune e Fernanda Carvalho.

A Iran Melo, pelo pontapé inicial no caminho da arte. A Raquel Bahiense, pelas palavras certas nas horas certas.

Aos queridos professores Martha Ribeiro, Hélio Jorge, Tetê Mattos, Wallace de Deus e Luiz Mendonça, pelo carinho. Ao professor Luiz Augusto Rodrigues, pela dedicação hercúlea em prol do crescimento do curso de Produção Cultural.

Ao professor João Domingues, pela amizade e pela enorme disponibilidade em trocar com cada um de nós, alunos.

À minha orientadora, prof.^a Flávia Lages, pelas perguntas que me trouxe, muito mais do que pelas respostas.

À Universidade Federal Fluminense, pela pessoa que me tornei.

RESUMO

O partir das relações de deslocamento de identidades e formas de apropriação do espaço, o presente trabalho analisa a política de gestão do Imperator – Centro Cultural João Nogueira, localizado no bairro do Méier, no Rio de Janeiro. O centro cultural, desde a sua criação até o presente, contribuiu para a polarização de atenções e investimentos para o bairro, agregando o capital simbólico ao capital econômico e potencializando os usos desse território. Por meio da pesquisa bibliográfica, documental e entrevistas, pretende-se discutir a importância de uma política de gestão sólida, sobretudo quando em contato de um equipamento cultural cuja história ainda esteja presente.

PALAVRAS-CHAVE: Méier, identidade, território

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	07
2. IDENTIDADE CULTURAL E O SUJEITO PÓS-MODERNO	10
2.1. Identidades em trânsito.....	10
2.2. Concepções de identidade a partir da interatividade no recorte territorial.....	13
2.3. Múltiplos territórios, multiterritorialidade e múltiplas identidades.....	16
3. PRODUÇÃO SIMBÓLICA E APROPRIAÇÃO FUNCIONAL: RELAÇÕES DE PODER INTRÍNSECAS AO TERRITÓRIO	20
3.1. O consumo na vida-líquida como catalisador da desproporção.....	20
3.2. Apropriações simbólica e funcional relativizadas; convergências e interseções.....	23
4. IMPERATOR NO MÉIER: (RE)CONSTRUINDO SIGNIFICADOS	25
4.1. Méier, o Grande. O caminho para um posicionamento ascendente.....	25
4.2. Modernidade no Méier e a chegada do Imperator.....	28
5. IMPERATOR 2012: POLÍTICA DE GESTÃO, APROPRIAÇÃO POPULAR E O DISCURSO DA PROGRAMAÇÃO	33
5.1. Políticas de gestão para identidades e espaços.....	33
5.2. Antes e depois: números, fatos e repercussões da reabertura do Imperator..	36
6. CONCLUSÃO	43
REFERÊNCIAS	44
ANEXOS	47
I. Programação completa do IMPERATOR.....	47
II. Reportagens de jornais mencionadas.....	54

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho de conclusão de curso procurou correlacionar os conceitos de identidade cultural e territorialidade, a fim de, a partir desse cruzamento, enxergar novas possibilidades e mecanismos de gestão cultural aplicáveis à dimensão prática da profissão. A relevância dessa pesquisa consiste na importância de formar profissionais, produtores e gestores culturais, cujas reflexões sejam cada vez mais abrangentes.

Reconhecer no mercado de trabalho gestores alheios a pensar o seu equipamento como parte do território que integra, e tampouco enxergar ações para fomentar formas de expressão legítimas daquele local, revela uma situação alarmante. O pesquisador, enquanto profissional cultural atuante no mercado, percebe a relevância de estimular uma discussão em mão-dupla, propondo conexões entre a política cultural dos equipamentos e seus processos de gestão, e a produção simbólica e identidade dos indivíduos que ocupam este território.

A divisão dos capítulos seguiu a uma lógica simples e eficaz, permitindo que as ideias fossem se encadeando ao longo do trabalho. No primeiro capítulo, explora-se as diferentes concepções de sujeito pós-moderno e, em sequência, processos de construção de identidade; é um capítulo em que a discussão inicia-se no plano do sujeito, e a partir de algumas etapas por quais passou essa concepção, enxerga-se a trajetória de deslocamento do conceito e do sujeito.

A pesquisa bibliográfica foi o principal método de pesquisa para este trabalho. O estudo de diferentes autores, buscando pontos de conexão e divergências mostrou-se um processo bastante enriquecedor, inclusive por propor o diálogo entre diferentes conceitos, porém próximos, e com bastantes fontes para pesquisa. Dessa forma, os três primeiros capítulos estruturam-se fortemente sobre a pesquisa bibliográfica, e o quarto capítulo, assim como a conclusão, apoiam-se também em entrevistas realizadas no espaço de pesquisa, e na análise de sua programação à luz do discurso da gestão do Imperator, no histórico desse espaço, e em todas as discussões levantadas ao longo do trabalho.

Ainda no primeiro capítulo, a pesquisa procura localizar o sujeito e a sua identidade no interior do território, investigando que relações são possíveis a partir desses múltiplos encontros. E também múltiplos territórios. Este conceito encerra o

primeiro capítulo, reconhecendo a influência dos territórios múltiplos, onde diferentes identidades e subjetividades convivem em um constante processo de interferência mútua.

O segundo capítulo começará aos poucos a trazer para o trabalho a questão urbana, discutindo a fragmentação do espaço em seus usos funcional ou simbólico. A relação entre essas duas maneiras de se apropriar do espaço será um dos grandes norteadores para as discussões presentes nessa pesquisa; o estudo dessa relação trouxe novas e interessantes questões, propulsionando o trabalho para o terceiro capítulo, no sentido de realizar uma investigação histórica um pouco mais apurada.

Com isso, o terceiro capítulo se apresenta como uma retrospectiva histórica de alguns aspectos do processo de urbanização e crescimento – sobretudo comercial – do bairro do Méier. A valorização dessa região trouxe consigo uma série de consequências da ordem funcional e simbólica, e com isso, esses dois aspectos do território, mostram-se potencializados quando em conjunto. O surgimento do Imperator ocorre no contexto acima: um momento de bastante valorização da imagem do bairro, e o então cinema, e posteriormente, casa de shows, surge para corroborar de vez com esta imagem.

A escolha do Imperator como estudo de caso para esse trabalho sobre identidade, territorialidade e gestão foi ocasionada por questões muito claras. Em primeiro lugar, é um espaço que possui uma extensa história e já traz consigo identidade e memória – ainda que iniciais; é uma gestão cedida pela Prefeitura do Rio para a Aventura Entretenimento, uma produtora carioca presidida pela produtora cultural Aniela Jordan, e o empresário José Calainho, com absoluta liberdade para curadoria e programação; e, por último, situa-se no Méier, um dos bairros cariocas mais tradicionais, sobretudo no subúrbio. O título dessa monografia, “Quem é do Méier não bobéier”, é uma frase absolutamente comum entre os moradores desse bairro, e já se consagrou quase como um bordão daqueles indivíduos. Assim como o bordão, quem é do Méier, faz questão de dizer “*nascido e criado no Méier*”. Todos esses aspectos revelam códigos próprios, partilhados por aqueles que se identificam com esse espaço, e o carregam junto a si, como forma de reafirmar o seu desejo de pertencimento àquele bairro, àquelas pessoas e costumes.

Este trabalho, portanto, propõe-se a investigar de que maneira essa nova gestão, implementada por indivíduos aparentemente desarticulados às dinâmicas de um bairro cuja territorialidade se constrói com tanta força e apropriação popular, articula suas ações e seus discursos de maneira a compreender o espaço em que está inserido, e construir uma relação real de troca com os moradores desse bairro.

2. IDENTIDADE CULTURAL E O SUJEITO PÓS-MODERNO

2.1. Identidades em trânsito

Ao longo da trajetória do pensamento sociológico e cultural, uma forte mudança era enunciada por mecanismos semi-desconhecidos, porém os seus efeitos já se faziam conhecer de maneiras sutis e intuitivas. Os parâmetros não-ditos de comportamentos, as convenções sociais, as tradições e tantas outras normatizações não-formalizadas, sempre existiram em todas as sociedades. Roy Wagner, em seu “A Invenção da Cultura”, afirma:

Aquilo que ancora todo ator em seu mundo de invenção dialética é seu comprometimento com uma convenção que identifica um modo de objetificação como pertinente a seu ‘eu’ inato e o outro com ações externas e impostas. Como essa convenção só pode ser sustentada e levada adiante por atos de invenção, e como a invenção só pode resultar em expressões efetivas e dotadas de significado quando sujeita às orientações da convenção, nem uma nem outra podem ser consideradas como um determinante. (WAGNER, 2010, p. 132)

No fragmento acima, Wagner aponta as convenções como importantes processos presentes na invenção do “eu”. Como essas convenções são originadas socialmente, o ser humano é fortemente influenciado pelo meio em que foi criado, e daí surgirá uma série de códigos apreendidos ao longo de anos de convívio social. À compreensão dialética desses códigos, sua concordância, apropriação e autorreconhecimento em meio a esse contexto, dá-se o nome identidade.

Muitos teóricos puseram o conceito de identidade à prova. Para se compreender a identidade, faz-se necessário refletir sobre o sujeito, o indivíduo que a carrega consigo e a defende – mesmo sem saber.

Conforme Bauman (2005, p.22) “a fragilidade e a condição eternamente provisória da identidade não podem mais ser ocultadas”. Neste fragmento, ele nos expõe ao fator central do conceito de identidade: transição. Os sujeitos, ao longo de sua existência, transitam por diferentes variáveis territoriais, relacionais, geográficas,

etc. Essa trajetória combinada a novas experiências de vida exercem uma nova força sobre o sujeito; e essa força será capaz – ou não – de deslocar a sua identidade.

Em suas explanações sobre o sujeito pós-moderno, Stuart Hall delineou o processo de amadurecimento desse sujeito, localizando-o durante suas três principais fases. Este trabalho baseia-se nesse percurso e o reconhece como fundamental para se alcançar a compreensão desejada sobre o sujeito, para então prosseguir com o desenvolvimento de demais questões.

O modo pelo qual o sujeito é visto foi se modificando ao longo da história. Sendo assim, “o sujeito do Iluminismo estava baseado numa concepção de pessoa humana como um indivíduo totalmente centrado, unificado. [...] O centro essencial do eu era a identidade de uma pessoa”. (HALL, 2011, p.10-11). Esta primeira concepção do sujeito, também conhecida como o sujeito cartesiano, preconizava o uso da razão como meio para centralizar o indivíduo. Associava a identidade como elemento central do eu, mas ao mesmo tempo, não se discutia de que forma era construída; assimilava-se que a identidade era parte integrante, quase solidificada, do indivíduo.

Posteriormente, o sujeito sociológico nasce a partir da concepção interativa da identidade.

A noção de sujeito sociológico refletia a crescente complexidade do mundo moderno e a consciência de que este núcleo interior do sujeito não era autônomo e autossuficiente, mas era formado na relação com outras pessoas importantes para ele, que mediavam para o sujeito, os valores, sentidos e símbolos – a cultura – dos mundos que ele/ela habitava. (HALL, 2011, p.11)

A interatividade entre um centro interior, e um mundo exterior, traz uma variável importante a esse processo, ainda em transição. Reconhecia-se, a partir dessa concepção, uma abertura na construção da identidade do sujeito, a qual servirá para “preencher o espaço entre o interior e o exterior – entre o mundo pessoal e o mundo público”. (HALL, 2011, p.12) Enquanto atua como interface entre nós e os mundos em que habitamos, projetamos nossas subjetividades nessas identificações culturais, e internalizamos parte de seus valores, fazendo-as nos

representar e assumindo seus significados. Por fim, as utilizamos como formas de coexistir nos lugares que precisamos ocupar. Hall (2011, p.12) diz: “a identidade, então, costura (ou, para usar um termo médico, ‘sutura’) o sujeito à estrutura. Estabiliza tanto os sujeitos, quanto os mundos culturais que eles habitam”.

A etapa a seguir descentraliza ainda mais este conceito em transição. Primeiramente, o sujeito foi compreendido como cartesiano, centrado na razão e no seu próprio eu; posteriormente, identificou-se a interatividade como fator fundamental para formação da identidade do sujeito; em seguida, Hall nos apresenta uma concepção de sujeito pós-moderno possessor de não apenas uma – seja cartesiana ou sociológica –, mas de várias identidades, cujas influências são exercidas sobre o sujeito a partir de suas experiências e vivências culturais. “O sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias (...), algumas vezes contraditórias ou não resolvidas”. (HALL, 2011, p. 12)

O processo acima descrito por Hall é uma das consequências do que Bauman dizia se tratar da existência em um mundo “líquido-moderno”. Neste mundo em que as relações e os indivíduos não são solidificados, as identidades tendem a se modificar e influenciar mutuamente. “‘Líquido-moderna’ é uma sociedade em que as condições sob as quais agem seus membros mudam num tempo mais curto do que aquele necessário para a consolidação, em hábitos e rotinas, das formas de agir”. (BAUMAN, 2009, p.7)

Viver em meio a instabilidade de uma sociedade líquido-moderna reflete-se na falta de tempo e condições para a consolidação de práticas culturais. Advém desse processo, um constante estado de transição, onde o indivíduo se vê cercado de possibilidades de convenções, mas não se sente seguro para eleger nenhuma delas; o tempo passa rapidamente, tornando incertas as escolhas e afinidades do sujeito. Assim, a concepção de identidades no estado líquido-moderno torna-se, igualmente, “não-sólida”.

Porém, a descoberta desse estado líquido-moderno, abre margem para novas leituras sobre a concepção de identidade do sujeito. A identidade está intimamente ligada a uma noção de cultura e visão de mundo. Ambos esses parâmetros serão modificados e reconstruídos diversas vezes ao longo da existência de cada indivíduo.

Os indivíduos são formados subjetivamente através de sua participação em relações sociais mais amplas; e, inversamente, do modo como os processos e as estruturas são sustentados pelos papéis que os indivíduos neles desempenham. Essa ‘internalização’ do exterior no sujeito, e essa ‘externalização’ do interior, através da ação no mundo social [...], constituem a descrição sociológica primária do sujeito moderno e estão compreendidas na teoria da socialização. (HALL, 2012, p.31)

É importante apreender que durante o processo de socialização, as identidades estão passíveis de modificação. Pode-se dizer que a única constante, nesse caso, é a mudança. E entre os fatores determinantes a estas mudanças, podemos citar vários; a construção da subjetividade do indivíduo, a sua história social, os diferentes lugares vivenciados por ele, e a relação criada com cada um desses lugares, sua etnia, orientação sexual, posicionamento político, entre muitos outros aspectos. A identidade do sujeito pós-moderno, para Hall (2012, p. 13), torna-se uma “‘celebração móvel’; formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam”. Na próxima sessão, iremos propor uma reflexão sobre um determinado sistema cultural, cujo foco está nas relações entre a influência do território e as suas formas de representação na construção de identidades.

2.2. Concepções de identidade a partir da interatividade no recorte territorial

Entre diferentes fatores responsáveis pelo deslocamento das identidades do sujeito, há um fator cuja influência varia de maneira muito singular. A interatividade dos indivíduos na esfera do recorte territorial traz a essa reflexão uma série de possibilidades bastante sensíveis; a sociedade líquido-moderna, por meio da globalização, enfraquece a influência desses espaços sobre os indivíduos, uma vez que as identidades estão se tornando híbridas. Ao mesmo tempo, a influência das identidades nacionais – formadas e transformadas em articulação ao território desse indivíduo – é forte sobre a constituição dos indivíduos. “No mundo moderno, as culturas nacionais em que nascemos se constituem em uma das principais fontes de identidade cultural”. (HALL, 2012, p.47).

Hall (2012, p.47) indaga: “O que está acontecendo à identidade cultural na modernidade tardia? Especificamente, como as identidades culturais nacionais estão sendo afetadas ou deslocadas pelo processo de globalização?”. Essas identidades culturais nacionais, mencionadas por Hall, possuem cada qual um espaço próprio onde se manifestam, reproduzem, assimilam e são assimiladas por outros. Este espaço, em esferas nacionais, ocorre no interior de territórios apropriados pelos membros e partilhantes dessas culturas.

As explanações sobre território, territorialidade e outros conceitos pertencentes a essas questões, dar-se-ão à luz das teorias de Rogério Haesbaert. Sobre o território, ele diz que: “em qualquer acepção, tem a ver com poder, mas não apenas ao tradicional ‘poder político’. Ele diz respeito tanto ao poder no sentido mais concreto, de dominação, quanto ao poder no sentido mais simbólico, de apropriação.” (HAESBAERT, 2005). Ambas acepções deste conceito, dominação e apropriação, terão uso no decorrer desse trabalho. As disputas modernas por território ocorrem em âmbitos diferentes das de antigamente, onde o campo de batalha era o lócus, e a noção físico-geográfica de dominação era a motivação primeira; diferentemente, as disputas atuais ocorrem sob outra lógica, como será visto posteriormente.

[...] se o espaço social aparece de maneira difusa por toda a sociedade e pode, assim, ser trabalhado de forma genérica, o território e os processos de des-territorialização devem ser distinguidos através dos sujeitos que efetivamente exercem poder, que de fato controlam esse(s) espaço(s) e, conseqüentemente, os processos sociais que o(s) compõe(m). Assim, o ponto crucial a ser enfatizado é aquele que se refere às relações sociais enquanto relações de poder – e como todas elas são, de algum modo, relações de poder, este se configura através de uma noção suficientemente ampla que compreende [...] até as formas mais sutis do poder simbólico. (HAESBAERT, 2005)

Enquanto relações de poder, as relações sociais delineiam parâmetros de hábitos, comportamentos e outros componentes do processo de identificação. O que Haesbaert expõe no trecho acima é como essas relações de poder são estabelecidas por determinados sujeitos no interior do espaço social. Luiz Augusto Rodrigues (2012) afirma que “o sentido a ser reforçado aproxima as práticas

culturais da ação ética e coletiva. Cultura como promoção de Sociabilidade. Cultura como fortalecimento da Identidade e da ideia de pertencimento. Ao lugar. Ao grupo.”. Essa ideia de pertencimento a um lugar ou a um grupo será fundamental no processo de criação de identidade desse indivíduo.

A territorialidade chega a essa discussão incorporando tanto a dimensão política sobre o uso do espaço, como o seu caráter econômico e cultural, visto que engloba a maneira como as pessoas se organizam e utilizam determinados espaços. “todo território é, ao mesmo tempo e obrigatoriamente, em diferentes combinações, funcional e simbólico, pois exercemos domínio sobre o espaço tanto para realizar “funções” quanto para produzir “significados”. (HAESBAERT, 2005). Esse duplo uso do território, digamos o primeiro mais consciente, o segundo mais inconsciente – uma vez que a produção de simbolismos é inerente à vida social do ser humano – será constante em determinados espaços. Sim, como Haesbaert disse acima, o território servirá para ambos os usos, mas desde que haja sujeitos a produzir significados nele. Essa distinção é cada vez mais necessária.

No mundo líquido-moderno, descrito por Bauman, os fluxos são muito rápidos e os significados produzidos em determinadas instâncias são igualmente efêmeros. Com isso, a apropriação dos espaços, bem como a sua territorialidade, são constantemente postos em cheque, sob risco de caírem em desuso e não mais se articularem aos seus antigos sujeitos.

A territorialidade, como um componente do poder, não é apenas um meio para criar e manter a ordem, mas é uma estratégia para criar e manter grande parte do contexto geográfico através do qual nós experimentamos o mundo e o dotamos de significado. (HAESBAERT, 2005).

Enquanto iniciamos o nosso processo de construção de identidades, estamos naturalmente inseridos num contexto geográfico; este servirá como a primeira referência para um esboço de identidade e identificação que criamos. Como foi exposto acima, Hall (2012) já nos expõe a importância da cultura nacional ocupando esse posto de primeira referência identitária.

Referência identitária no sentido de se tratar de uma primeira experiência onde um conjunto de caracteres culturais são agrupados em prol de reconhecer pertencimento a um determinado grupo.

Na verdade, as identidades nacionais não são coisas com as quais nós nascemos, mas são formadas e transformadas no interior da representação. Nós só sabemos o que significa ser ‘inglês’ devido ao modo como a ‘inglesidade’ (Englishness) veio a ser representada – como um conjunto de significados – pela cultura nacional inglesa. Segue-se que a nação não é apenas uma entidade política, mas algo que produz sentidos – um sistema de representação cultural. (HALL, 2012, p. 49)

O importante é notar a nação, de fato, como um sistema de representação cultural, mas reconhecer que no interior da própria nação desdobram-se outros sistemas com seus próprios códigos e particularidades. Esses novos sistemas, ou essas novas comunidades simbólicas se originam nos lugares existentes no interior dos espaços sociais, dos territórios apropriados e das territorialidades em construção.

2.3. Múltiplos territórios, multiterritorialidade e múltiplas identidades.

Rogério Haesbaert, ao longo de seus estudos sobre relações no interior de diferentes territórios, bem como conceituações diversas acerca de “território”, “territorialidade”, “multiterritorialidade”, “des-territorialização”, entre outras, nos coloca as relações de poder travadas no espaço social como importantes variáveis a serem levadas em conta para se compreender dinâmicas sociais contemporâneas. No centro dessas relações, há diferentes sujeitos sustentando diferentes interesses, gerando um conflito natural pelo controle sobre esse território e suas práticas.

Haesbaert nos traz uma dupla noção sobre o território, onde explora seus aspectos funcionais e simbólicos, de maneira geral. Em ambos os casos, a disputa pelo controle existe, e, apesar de ocorrerem em diferentes âmbitos, estão conectadas de muitas maneiras.

Poderíamos falar em dois ‘tipos ideais’ ou ‘referências extremas’ frente aos quais podemos investigar o território, um mais funcional, outro mais simbólico. Enquanto tipos ideais eles nunca se manifestam em estado puro, ou seja, todo território ‘funcional’ tem sempre uma carga simbólica, por menos expressiva que ela seja, e todo território ‘simbólico’ tem sempre algum caráter funcional, por mais reduzido que ele seja. (HAESBAERT, 2005)

Para esta análise, o foco estará na dimensão simbólica do território, porém não se pode deixar de considerar o aspecto funcional do território a ser estudado. Por uso funcional, podemos entender inclusive os processos de apropriação do espaço do bairro do Méier pela iniciativa comercial, exercendo influência sobre a região e as dinâmicas sócio-culturais desenvolvidas naquele território.

Para ilustrar como essas duas concepções de território estão conectadas, seguimos com as explanações de Haesbaert sobre a identificação de múltiplos territórios a partir de variáveis bastante específicas relacionadas às relações de poder estabelecidas no interior desses espaços, seus sujeitos, objetivos e processos. Sendo assim, com base em propostas anteriores (Haesbaert, 2002b e 2004), elencamos as seguintes modalidades:

- a) Territorializações mais fechadas, quase “uniterritoriais” no sentido de imporem a correspondência entre poder político e identidade cultural, ligadas ao fenômeno do territorialismo, como nos territórios defendidos por grupos étnicos que se pretendem culturalmente homogêneos, não admitindo a pluralidade territorial de poderes e identidades.
- b) Territorializações político-funcionais mais tradicionais, como a do Estado-nação que, mesmo admitindo certa pluralidade cultural (sob a bandeira de uma mesma “nação” enquanto “comunidade imaginada”, nos termos de Anderson, 1989), não admite a pluralidade de poderes.
- c) Territorializações mais flexíveis, que admitem a sobreposição territorial, seja sucessiva (como nos territórios periódicos ou espaços multifuncionais na área central das grandes cidades) ou concomitantemente (como na sobreposição “encaixada” de territorialidades político-administrativas).
- d) Territorializações efetivamente múltiplas – uma “multiterritorialidade” em sentido estrito, construídas por grupos ou indivíduos que constroem seus territórios na conexão flexível de territórios multifuncionais e multi-identitários. (HAESBAERT, 2005).

Entre todas as concepções, a última é a que mais se comunica com o caso a ser estudado nesse trabalho, mas não o abrange totalmente. Pode-se reconhecer na segunda concepção, alguns fatores interessantes para a reflexão que desejamos provocar, então trabalhem com ambas essas concepções simultaneamente.

Analisando as formas de organização e relações de poder mencionadas acima, é possível reconhecer na última concepção, “territorializações efetivamente

múltiplas”, um diálogo com os conceitos discutidos ao longo do capítulo sobre identidades em trânsito numa sociedade líquida. As identidades, construídas, significadas e re-significadas no interior dos territórios, torna-os também múltiplos e passíveis de transformação. Esses processos de territorialização, onde grupos e indivíduos dotam os locais de significados e os permeiam com as suas culturas, vivências, experiências e pertencimento, são, ao mesmo tempo, causa e consequência do surgimento de múltiplos territórios; espaços multi-identitários, de assimilação, troca e de formação de subjetividades.

Cultura deve ser entendida como elemento de coesão social e de fortalecimento das noções de pertencimento e de identidade; para além das dimensões institucionais dadas ao campo da Cultura, e para além das dimensões que articulam a Cultura com as representações/manifestações sociais, busca-se entendê-la enquanto formadora de subjetividades ao considerar a produção material e imaterial dos homens e grupos a partir de seus valores, comportamentos, sentimentos e desejos. (RODRIGUES, 2013)

A formação de subjetividades está bastante relacionada ao processo de construção de identidades. No mundo líquido-moderno, a produção imaterial dos indivíduos e grupos será regida por paradigmas não mais existentes; a impossibilidade de solidificar as práticas culturais – salvo, obviamente, exceções como movimentos tradicionais, ou “político-funcionais tradicionais” (HAESBAERT, 2005) – volatiliza valores e comportamentos dos indivíduos praticantes de tais práticas. Se os agentes responsáveis pela manutenção das práticas sócio-culturais, no interior de determinados territórios não as mantem ao longo do tempo, como são mantidas as dinâmicas existentes naquele local, sem ocorrer a descaracterização daquela comunidade?

A resposta a essa pergunta corresponde a própria lógica do mundo líquido-moderno. Transformação. Os indivíduos irão se modificar e farão o mesmo ao território. A única certeza é a mudança. As formas e práticas culturais endêmicas – as quase permanentes, de longa duração – são, aos poucos, tomadas pelas epidêmicas – de rápido surgimento, ascensão e desaparecimento – e, assim, as dinâmicas territoriais são afetadas. “Velocidade, e não duração, é o que importa.

Com a velocidade certa, pode-se consumir toda a eternidade do presente contínuo da vida terrena”. (BAUMAN, 2009, p. 15)

Por outro lado, essa interseção entre processos variados, sobre os sujeitos e os territórios, podem trazer a sensação de perda do espaço, e desarticulação a uma realidade que parece caminhar mais rapidamente do que se consegue acompanhar.

Para se livrar do embaraço de ser deixado para trás, de ficar preso a algo com o qual ninguém mais quer ser visto, de ser pego cochilando e de perder o trem do progresso em vez de viajar, deve-se ter em mente que é da natureza das coisas exigir vigilância e não lealdade. (BAUMAN, 2009, p. 17)

As dinâmicas de formação de subjetividades, múltiplos territórios e identidades, podem andar, caminhar ou correr em diferentes ritmos. As consequências desse processo começam a surgir quando as suas forças regentes deixam de seguir uma ordem espontânea, ou seja, o mais próxima de um processo natural de produção simbólica, imaterial e compartilhamento de caracteres, hábitos, etc., e passa a seguir uma ordem verticalizada, e quase dirigida pela lógica do consumo. Quando esse processo ocorre, chega ao território uma nova variável, muitas vezes de maneira avassaladora, e compromete os processos de territorialização daquele espaço, trazendo novas regras para o jogo.

Quando a identidade perde as âncoras sociais que a faziam parecer ‘natural’, predeterminada e inegociável, a ‘identificação’ se torna cada vez mais importante para os indivíduos que buscam desesperadamente um ‘nós’ a que possam pedir acesso. (BAUMAN, 2005, p. 30)

No próximo capítulo, serão discutidos os efeitos da dimensão funcional do território, influenciados pelos hábitos de consumo da sociedade líquida, sobre o sentimento de pertencimento e os seus usos simbólicos, iniciando uma reflexão sobre a região do Méier e as dinâmicas sociais desenvolvidas nesse espaço.

3. PRODUÇÃO SIMBÓLICA E APROPRIAÇÃO FUNCIONAL: RELAÇÕES DE PODER INTRÍNSECAS AO TERRITÓRIO

3.1. O consumo na vida-líquida como catalisador da desproporção

Em seu livro “Territórios Alternativos”, o geógrafo Rogério Haesbaert (2013) afirma ser “preciso reconhecer que o espaço sobrepõe a esta função produtiva, e às vezes de modo ainda mais enfático, uma função político-disciplinar e simbólica” (p.13). Ao longo deste trabalho, foram vistos os processos de descentralização do sujeito, e os diferentes loci onde ocorriam. O estudo desses espaços de troca faz surgir novas questões, como delinear suas peculiaridades e seus agentes de influência; entender que outros processos acontecem concomitantemente; identificar as potencialidades desses territórios, entre outros questionamentos.

O espaço possui grande importância em ambas as maneiras de se pensar o seu uso. Como foi exposto no capítulo anterior, as suas dimensões simbólica e funcional coexistem, porém em um constante jogo de forças entre formas de poder oscilantes. Quanto mais se fomenta a dimensão funcional, menos a dimensão simbólica tende a ser valorizada. Quando do contrário, porém – o aspecto simbólico do local é posto anteriormente à apropriação pela iniciativa funcionalizante –, os resultados podem ser diferentes. O apreço e a relação construída entre a identidade do sujeito e território propiciam outros caminhos de relacionamento entre a atividade funcional e o espaço em que esta ocorre.

O papel do espaço, hoje indissociável em suas perspectivas 'natural' e 'social', pode ser interpretado tanto como 'rugosidades'¹ ou 'constrangimentos'², que redirecionam os processos sociais e econômicos, quanto como referenciais inseridos na vida cotidiana e que perpassam nossas identidades coletivas. (HAESBAERT, 2013, p. 81)

No fragmento acima, Haesbaert mais uma vez acentua possibilidades de interligação entre as identidades coletivas formadas e o espaço. Ao citar suas perspectivas natural e social, o autor reforça a dimensão dupla desse local de disputa. A soberania do capital econômico diante do capital cultural e simbólico ganha espaço no mundo pós-moderno, propulsionado pela lógica ultraconsumista da sociedade líquida, e, por conseguinte, o aproveitamento predominantemente funcional dos territórios.

Nesta direção, Haesbaert (2013, p.61) afirma que “o mundo contemporâneo vive um enorme descompasso entre o que ocorre em sua dimensão concreta, material, e sua [...] esfera cultural, no sentido mais amplo de ‘simbólico’”. Esse descompasso é marcado pela velocidade acelerada com que valores e construções são descartados, em detrimento de uma necessidade quase emergencial de atualização, por parte do sujeito pós-moderno. Essa realidade estabelece uma relação de causa/consequência com um “seguir constantemente ‘na crista da onda’ que marca o presente; [...] não se fixar/se enraizar em objetos e ideias; [...] mutação/‘desterritorialização’ permanente” (HAESBAERT, 2013, p.57).

A maior consequência advinda desse processo é não reconhecer o seu próprio processo de não-reconhecimento; os indivíduos passam a não se enxergar em determinadas projeções, identidades ou subjetividades anteriormente construídas – a partir de diferentes experiências. E, além disso, não tomam consciência do processo em andamento. Então, sobrevém a fragmentação, não apenas do indivíduo, mas também do espaço.

O próprio espaço nos aparece como um todo fragmentado. Como as práxis de cada um são fragmentárias, o espaço dos indivíduos aparece como fragmentos de realidade e não permite reconstituir o funcionamento unitário do espaço. O espaço, habitação do homem, é também o seu inimigo, a

¹ Para Milton Santos (1978, p.138), “as rugosidades são o espaço construído, o tempo histórico que se transformou em paisagem, incorporado ao espaço”.

² GUATTARI apud HAESBAERT, 2013.

partir do momento em que a unidade desumana da coisa inerte é um instrumento de sua alienação. (SANTOS, 2012, p. 34)

Em uma “sociedade de consumidores”³ (BAUMAN, 2009), o espaço, então fragmentado, colabora para o desenvolvimento comercial da atividade consumista, relegando ao território a predominância de sua dimensão funcional. Esse efeito sobre a região do Méier pode ser observado no artigo de Vicente Del Rio⁴, publicado no ano de 1995, já esboçando uma preocupação sobre a utilização do espaço urbano da região.

A menos de 10km do centro do Rio, acompanhando a expansão urbana ao longo da via férrea, e a partir da construção da sua estação, o subúrbio do Méier consolidou-se como importante opção residencial da classe média e destaca-se como um dos centros comerciais mais dinâmicos do subúrbio carioca. [...] Em 1965, lá foi inaugurado o ‘primeiro shopping center do Brasil’. [...] Hoje [...] o “sub-centro funcional” do Méier atrai diariamente muitos milhares de compradores. [...] Seu principal eixo viário de penetração, maior motivo de atenção do projeto, é a Rua Dias da Cruz, que possui alta concentração comercial. Numa distância de três quarteirões ao longo dela, desde a estação até o Shopping do Méier, pode-se encontrar filiais de todas as grandes lojas de eletrodomésticos. (DEL RIO, 1995, p. 919)

A partir do trecho acima, torna-se possível perceber o início da apropriação do território do Méier pela iniciativa comercial. Ao longo de quase duas décadas, o perfil de estabelecimentos certamente se modificou, assim como se modificam as necessidades de consumo dos indivíduos: “a promessa de satisfação, no entanto, só permanecerá sedutora enquanto o desejo continuar irrealizado” (BAUMAN, 2009, p.105).

Assim, é possível observar a retroalimentação realizada pela lógica consumista líquido-moderna e os processos de apropriação funcional do território,

³ Bauman (2009) explica ser a sociedade de consumidores “de natureza basicamente social e apenas secundariamente psicológica ou comportamental: o consumo individual realizado no ambiente de uma *sociedade* de consumidores. Uma ‘sociedade de consumidores’ não é apenas a soma total dos consumidores, mas uma totalidade”.

⁴ DEL RIO, Vicente. Reconquistando a imagem urbana e o espaço dos pedestres: o projeto Rio-Cidade no centro funcional do Méier, Rio de Janeiro. In *Modernidade, exclusão e a espacialidade do futuro*. Brasília, Anais: Encontros Nacionais da ANPUR, 1995.

<http://www.anpur.org.br/revista/rbeur/index.php/anais/article/view/1654/1628>

em detrimento do seu uso simbólico. Santos (2012, p.35) afirma que “temos a tendência de negligenciar o todo; mesmo os conjuntos que se encontram em nosso campo de visão nada mais são do que frações de um todo”. Tratando-se esse todo como o macroprocesso de transformação do bairro do Méier, seria plausível dissecar os diferentes fragmentos que o compõem? Ou seja, quais os microprocessos que compõem a transição do território do Méier, a partir da influência da iniciativa comercial? E, ao mesmo tempo, seria possível dimensionar quão positiva ou negativa foi esta mudança? Na próxima seção, essas questões serão discutidas à luz da simbiose ou dos pontos de encontro entre as dimensões simbólica e funcional do território do Méier.

3.2. Apropriações simbólica e funcional relativizadas; convergências e interseções.

Para se avaliar os efeitos negativos ou positivos dos usos do território, é necessário estabelecer diferentes pontos de vista e reflexão. Santos afirma que “a especialização crescente da produção, numa base regional mas não raro ligada a interesses distantes, assim como a multiplicação das trocas contribuem igualmente para tornar o homem estranho ao seu espaço, à sua terra” (SANTOS, 2012, p. 28). O aumento da oferta de distintas opções de consumo, baseadas numa produção cada vez mais especializada e disseminada por além do território do Méier, pode trazer aos membros líquido-modernos daquela região a ilusão do novo, da novidade, de uma nova “crista da onda”⁵ para se surfar. As consequências do recorrente surgimento de novas tendências de consumo reverberam fortemente na ratificação de um modelo desproporcional em relação ao uso do território, privilegiando mais uma vez a dimensão funcional do território.

No entanto, ao mesmo tempo, é importante ressaltar possíveis benefícios da apropriação comercial do território, inclusive identificados sob a ótica do pertencimento e, com isso, relacionando-se à dimensão simbólica do espaço. No fragmento anterior, de Vicente Del Rio, o autor descreve o início do processo de mudanças no Méier, fazendo alusão a lojas de departamentos e ao Shopping Méier – segundo ele, o primeiro shopping do Brasil. O aumento de ofertas e investimentos

⁵ HAESBAERT, 2013, p. 57

nessa região, crescente ao longo dos anos⁶, ao colaborar para o seu desenvolvimento, ajuda a fortalecer laços entre os moradores e o bairro em que habitam. Haesbaert afirma:

todo grupo se define essencialmente pelas ligações que estabelece no tempo, tecendo seus laços de identidade na história e no espaço, apropriando-se do território (concreto e/ou simbólico), onde se distribuem os marcos que orientam as suas práticas sociais. (HAESBAERT, 2013, p.93)

Em seu texto, Del Rio descreve o embrião de um grande processo, porém já em 1965, de acordo com o autor, era possível notar a congruência de investimentos para o Méier; ou seja, estas transformações, iniciadas há quase cinco décadas atrás, já evocavam uma série de outras mudanças responsáveis por fazer o bairro atingir a notoriedade que possuiu e ainda possui.

Portanto, é importante notar a relação dúbia entre essas duas formas de uso do território. A apropriação simbólica acontece a partir da interação natural entre os indivíduos, suas identidades e subjetividades, e se constrói de maneira conjunta a um processo de convivência e trocas; a utilização funcional do espaço é regida, na maior parte das vezes, pela iniciativa comercial e pelo capital econômico, trazendo novos atores e significantes àquele território. Em uma primeira análise, alavancado por uma sociedade de consumo, o uso funcional do espaço torna-se o prioritário, relegando a segundo plano as práticas simbólicas. Porém, ao se investigar essa realidade de maneira mais sensível, estabelecendo-se uma relação entre a sensação de pertencimento e territorialidade, é possível identificar uma interseção: o aumento dos recursos e investimentos advindos a partir da funcionalidade comercial do espaço urbano reforça o desejo de pertencimento, no lugar de estimular um certo orgulho do morador em ser parte daquela região. Não em *fazer*, mas em *ser* parte daquele bairro. Para Hall (2011, p. 51), “uma cultura nacional é um discurso – um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos”, Utilizando-se dessa mesma lógica, porém restringindo o recorte do nacional para o local, podemos estabelecer uma relação entre o sentimento de pertencimento a um grupo local, e a construção de sentidos norteadores sobre a concepção que temos de nós mesmos, nossa identidade; em

⁶ Como será melhor abordado no 3º capítulo.

suma, iniciativas cujos efeitos reforçam o pertencer ao Méier, automaticamente colaboram com processos simbólicos de identificação com este espaço.

No próximo capítulo, será apresentado o histórico do Méier, bem como suas principais transformações, e o do Imperator, localizando-os ao longo do tempo, e procurando-se identificar as trajetórias de ambos.

4. IMPERATOR NO MÉIER: (RE)CONSTRUINDO SIGNIFICADOS

4.1. Méier, o Grande. O caminho para um posicionamento ascendente

Nos capítulos anteriores, foram analisados os processos de construção de identidades no sujeito pós-moderno, inclusive quando colocado em contato com outras subjetividades e territórios. Então, foram elencadas duas abordagens para o uso do espaço, a simbólica e a funcional, percebendo algumas de suas causas, consequências e pontos de interseção. No final do último capítulo, iniciou-se a discussão do processo histórico de ocupação do bairro do Méier, o qual será um pouco mais explorado a seguir.

Sobre o tempo e a organização dos espaços, Santos afirma:

O passado passou, e só o presente é real, mas a atualidade do espaço tem isso de singular: ela é formada de momentos que foram, estando agora cristalizados como objetos geográficos atuais; essas formas-objetos, tempo passado, são igualmente tempo presente como formas que abrigam uma essência, dada pelo fracionamento da sociedade total. Por isso, o momento passado está morto como tempo, não porém como espaço; o momento passado já não é, nem voltará a ser, mas sua objetivação não equivale totalmente ao passado, uma vez que está sempre aqui e participa da vida atual como forma indispensável à realização social. (SANTOS, 2012, p.14)

Assim, no caso do Méier, o passado mostra-se importante para compreender o espaço atual e as transformações pelas quais passou. Porém, além de qualquer transformação é importante notar que, para os que ali cresceram ou vivem lá até

hoje, o carinho pelo bairro é real: “O melhor lugar do mundo é aqui. Tem raiz e tradição. [...] O que é o Méier senão o nome de uma família; e como tal tem sua história, e cada morador do local faz parte desta”.⁷

O recorte escolhido para ser abordado da história do bairro é a segunda metade do século XIX, por se concentrar nessa época a maior parte dos eventos relevantes para este trabalho. Alguns fatos anteriores ao período mencionado poderão ser abordados, porém em menor quantidade e ênfase,

Num apanhado histórico, a cidade do Rio de Janeiro concentrava a sua urbanização em seu centro, porém alguns lugares do subúrbio aos poucos foram garimpendo espaço e logo se tornaram “sub-centros”, ocupados pela iniciativa residencial. Como nos aponta Moraes (2004, p.15), “o núcleo urbano do Rio de Janeiro permaneceu, até meados do século XIX, confinado ao seu centro histórico, o quadrilátero formado pelos morros do Castelo, Santo Antônio, São Bento e Conceição.”.

Um dos fatores importantes para a ocupação do bairro foi a implementação da linha férrea e a construção da Estação do Méier em 13 de maio de 1889⁸. Com o aumento da mobilidade para essa região, mais pessoas começaram a se estabelecer nesse entorno; “o ‘sertão’ carioca conheceu uma transformação tão profunda que, em menos de três décadas, suas terras tornaram-se alvo de investimentos cada vez mais frequentes e de uma ocupação demográfica crescente e regular” (MORAES, 2004, p.21). Dessa forma, aos poucos o Méier tornava-se habitado. Esta crescente ocupação do espaço, iniciada desde a inauguração da estação de trem, com relevante destaque em torno da década de 1920, atingirá o seu ápice por volta de 1960. “A fase de formação havia sido ultrapassada: o Méier agora consolidava suas conquistas. [...] Ali criou-se um mercado consumidor e uma boa rede de serviços” (MORAES, 2004, p.35).

A urbanização do Méier ocorreu durante um período em que a cidade do Rio de Janeiro passava por importantes mudanças estruturais, as quais ocasionavam um natural reposicionamento dos cariocas em relação à cidade; de acordo com Moraes:

⁷ MORAES, Cristina Vignoli. **Bairros do Rio: Méier e Engenho de Dentro**. Rio de Janeiro: Frahia, 2004.

⁸ MORAES, 2004, p. 24

O Méier e adjacências eram, naquela ocasião, protagonistas de uma experiência especial de desenvolvimento e urbanização, acompanhando a onda de elegância e 'civilização' que marcou o Rio de Janeiro da *belle époque*, inicialmente sob a batuta do prefeito Pereira Passos. (MORAES, 2004, p.23)

É importante notar que ao longo das sete décadas iniciais de urbanização do Méier⁹, é natural reconhecer prioritariamente o uso funcional deste território, devido a características intrínsecas ao processo em questão. Porém, ao mesmo tempo, a apropriação deste espaço, sobretudo pelo seu uso residencial, resulta na sua significação por aqueles que o tomaram para si. Assim como demonstrado no final do capítulo anterior, os processos de utilização funcional e simbólico do território estão interconectados – contudo, nem sempre equilibrados.

Para exemplificar esse duplo processo à luz da história do Méier, pode-se citar a *belle époque* do Méier, a que se refere Moraes (2004, p. 36). Este processo, inspirado no movimento europeu ocorrido no final do século XIX e início do século XX, acompanhava uma tendência nacional voltada para o desenvolvimento interno. Nesse período, o bairro recebeu uma série de investimentos e a iniciativa comercial aproveitou o bom momento para se firmar de maneira forte. Muitos comércios tradicionais do bairro surgiram nessa época, e são exemplos concretos do duplo uso do território; estabelecimentos comerciais (uso funcional) que perduraram durante todo o processo de transformação do bairro, e, por conseguinte, fazem parte da sua história, assumindo um lugar de tradição e carinho (apropriação simbólica).

A mais antiga casa comercial, o Armazém Colosso, fundado em 1896, ficava à esquerda [da estação]. Ali também estavam o Salão Fígaro, a Leitaria de Dona Marocas e o Restaurante do Gonçalves. Na Arquias Cordeiro surgia o Cine Méier, uma das primeiras salas de cinema da cidade. [...] À direita da estação de trens, a parte que se organizou em torno da Rua Goiás, o comércio era ainda maior e mais variado, atendendo não só ao Méier como às localidades próximas. [...] Cinemas, bares, confeitarias e cafés atestavam a alegria e o vigor dos bairros. (MORAES, 2004, p. 36-38)

No trecho acima, a autora exemplifica a presença de diferentes comércios aportando no Méier durante essa época áurea. O bairro conquistou o seu espaço

⁹ Estabelecendo-se como parâmetro a construção da Estação do Méier (1889) até a década de 1950.

diante do cenário carioca e, sobretudo, na região de seu entorno. Em seu artigo “Relação entre História e Literatura e Representação das identidades urbanas no Brasil (séculos XIX e XX)”¹⁰, Sandra Jatahy Pesavento localiza a identidade no interior do território urbano, servindo a sua argumentação para todas as etapas desse longo processo de transformação do bairro do Méier. A autora afirma:

Estabelecendo correspondências e analogias com traços e atributos que distinguem e individualizam uma coletividade, o padrão de referência identitário fixa estereótipos, constrói estigmas, define papéis e pauta comportamentos. Partindo de um sistema articulado de ideias e imagens de representação coletiva, a identidade estabelece uma existência social distinta, que se afirma no plano do imaginário e se traduz em práticas sociais efetivas, legitimadoras daquela representação. No jogo das correspondências e exclusões, que contrapõe a identidade à alteridade, o sentido de um “pertencimento” é o ponto central de referência. (PESAVENTO, 1995, p. 115)

Referenciar a belle époque europeia no contexto de um bairro em ascensão pode ser o exemplo de um “sistema articulado de ideias e imagens da representação coletiva”, como diz a autora. Pode-se reconhecer nesse sistema, uma das primeiras identidades coletivas construídas no Méier, localizando uma tendência para a articulação entre o território e os sujeitos que o compõem. Mais uma vez, “o sentido a ser reforçado¹¹ aproxima as práticas culturais da ação ética e coletiva. [...] Cultura como fortalecimento da Identidade e da ideia de pertencimento. Ao lugar. Ao grupo.” (RODRIGUES, 2012).

Compreender o posicionamento do bairro do Méier até a década de 50 é importante, pois nesse período inicia o processo de modernização do bairro. Será nesse momento em que a iniciativa comercial terá um crescimento ainda maior e atrairá outros tipos de serviços e atrações para a região, inclusive, o Imperator. Na próxima seção, essa transição será abordada, com ênfase sobre o Imperator e as relações que passou a estabelecer com o bairro e seus moradores.

¹⁰ PESAVENTO, Sandra Jatahy. Relação entre História e Literatura e Representação das identidades urbanas no Brasil (séculos XIX e XX). In **Anos 90: Revista do Programa de Pós-Graduação em História**. Porto Alegre. N. 4 (dez. 1995), p.115-127.

¹¹ Nesse caso, uma força de representação europeia, evocativa de modernidade

4.2. Modernidade no Méier e a chegada do Imperator

Todas as transformações sofridas até então pelo bairro serviram como preparação para as verdadeiras mudanças posteriores. A grande gama de comércio e serviços do Méier serviram para pontuar o bairro como uma área de grande importância: “o Méier conquistou seu mérito ao atender as comunidades que se formavam a lesta da linha de ferro, uma grande planície que englobava os atuais bairros de Engenho de Dentro, Piedade, Encantado até Deodoro”. (MORAES, 2004, p. 47).

Essa modernização do bairro veio com uma série de investimentos da ordem pública e privada. O Hospital Salgado Filho, o Batalhão da Polícia Militar e o Grupamento do Corpo de Bombeiros são exemplos de instituições aportadas no Méier durante esse período, já delineando a importância social do bairro no recorte da cidade. Esses investimentos foram “resultado de uma constatação simples: no Méier estava consolidada uma classe média de poder aquisitivo definido, gosto e costumes muito bem delimitados”. (MORAES, 2004, p. 48). Em 1954, a inauguração do Imperator vem a corroborar o posicionamento almejado pelo bairro:

Mas, se algo realmente transformou o Méier foi o surgimento do maior cinema da América Latina, com 2.500 lugares: o Imperator.[...] Não apenas a grandiosidade do empreendimento marcou o bairro, mas toda a mudança a ele associada. O Imperator fez parte da crônica da cidade, e não só do bairro. Em torno da grande sala de projeção, a juventude transformou seu comportamento, o comércio revestiu-se de novas tendências. O Imperator revitalizou a imagem do Méier, mais do que qualquer outra iniciativa. Agora o bairro estava lado a lado com os bairros modernos da zona sul. [...] No início dos anos 90 o cinema transformou-se em casa de shows – a maior da América Latina, com 4.500 lugares, ainda uma das principais referências de lazer e cultura do bairro e da cidade, mas acabou fechando em 1995. (MORAES, 2004, p. 49-50).

Como a autora expõe, o surgimento do Imperator afeta positivamente as dinâmicas do bairro. A, enfim, criação de um espaço de lazer para o bairro o coloca – como é citado acima – “lado a lado com os modernos bairros da zona sul”. Essa comparação ou esse desejo de comparação positiva a modelos de “sucesso”, reconhecendo um lugar de paridade em relação a esses lugares, reforça as

representações coletivas e as identidades culturais oriundas dos moradores do bairro. É possível reconhecer nesse exemplo, mais uma vez, a interconexão entre as dimensões simbólica e funcional do território. Neste momento, o território do Imperator veio a somar e agregar-se à territorialidade do Méier, sendo aceito e incorporado com naturalidade pelos habitantes daquele bairro em ascensão. É como explica Rodrigues:

entender a produção social do espaço como produção do lugar é, então, entender essa produção a partir de sua múltipla e diversificada carga semântica: qualquer espacialidade é rica de significados, assim como é rica e diferenciada a sua apropriação pelos diferentes atores sociais. (RODRIGUES, 2012, p. 82).

Com a chegada do Imperator, a produção social do lugar Méier reveste-se de muitos mais significados; o alcance do Imperator, estendendo-se por toda a cidade, criou um novo polo de influência nas dinâmicas culturais do Rio de Janeiro. Com essa polarização, sobretudo sobre o público jovem, a Turma do Imperator¹², os modelos conhecidos de representação e as identidades em processo foram deslocados para um novo caminho. “O tempo e o espaço são também as coordenadas básicas de todos os sistemas de representação” (HALL, 2011, p. 70). Como coordenadas de um sistema de representação, o espaço-território Imperator, não apenas durante um tempo, mas também localizado no contexto desse tempo, serviu para deslocar identidades do Méier.

Como mencionado no trecho acima, de Moraes, com o surgimento do Imperator, o “comércio revestiu-se de novas tendências”. Segundo Haesbaert:

Se o espaço é, como concebemos a princípio, fonte e condição indispensável para a constituição de determinados grupos, é natural que haja neste espaço constantes disputas, avanços e recuos que constituirão os termos necessários em que serão reproduzidas as dinâmicas sociais do ambiente metropolitano. (HAESBAERT, 2013, p. 96)

Neste movimento, nota-se uma retroalimentação entre o surgimento do Imperator e as iniciativas comerciais. Acompanhando a mudança de perfil dos

¹² MORAES, 2004, p. 50

consumidores, devido a uma nova “crista da onda para surfar”¹³, o comércio também se modifica, inclusive pela chegada de novas lojas. O capital simbólico, nesse caso, movimenta o capital econômico e reinventa o espaço de trocas:

Outra alteração importante na aparência e na função social da Dias da Cruz foi a chegada dos grandes magazines, que causou efeitos marcantes deste lado da linha férrea. A partir dos anos 60, a rua passou a abrigar grandes lojas que antes só eram encontradas no centro da cidade e, aos poucos, em Copacabana. Assim, por lá instalaram-se a Mesbla, a Sears, a Casa Garson, a Kopenhagen, as Lojas Ultralar, a cadeia *fast-food* Bob's, os supermercados Sendas. Mas a grande transformação mesmo foi o surgimento do shopping center do Méier, em 1965, o primeiro do Brasil. A proposta era inovadora: centralizar um comércio variado de modo a tornar mais ágil as compras dos consumidores. O prédio, inicialmente de três andares, foi inaugurado em plena Dias da Cruz e, com certeza, alterou os batimentos do coração comercial do bairro. (MORAES, 2004, p. 50-51)

No contexto pós-belle époque em que surge o Imperator, as bases identitárias dos habitantes do Méier já existiam¹⁴. Ao passo da modernização, tais bases são deslocadas a partir dos processos mencionados nesta seção. Ainda assim, é importante frisar como o Imperator – e as movimentações sociais advindas com ele – foi presente na reconfiguração desse território de significados. Hall (2011, p.71) explica como a “moldagem e a remoldagem das relações espaço-tempo no interior de diferentes espaços de representação tem efeitos profundos sobre a forma como as identidades são localizadas e representadas”. O Imperator, enquanto território, enunciava uma série de novos códigos de significação, os quais logo seriam incorporados pela territorialidade do Méier propriamente. Por que estabelecer essa relação nessa direção Imperator > Méier, e não o contrário? Como a visão sobre o Imperator era a de modernidade, em um lugar de equiparação à zona sul, infere-se que esta relação de apropriação seja construída nessa direção Imperator > Méier; como mencionado acima, “o Imperator revitalizou a imagem do Méier, mais do que qualquer outra iniciativa. Agora, o bairro estava lado a lado com os bairros modernos

¹³ HAESBAERT, 2013, p. 57

¹⁴ Considerando-se a belle époque do Méier o período compreendido entre a década de 1910 e 1950. Após esse período, inicia-se a modernização do bairro.

da zona sul”¹⁵. Essa afirmação evidencia uma construção de percepção à época, que relacionava modernidade à zona sul. A partir de uma representação da zona sul no subúrbio carioca – na figura do Imperator – iniciou-se um novo processo de deslocamento de identidades, conforme dito, no sentido identidade-território-Imperator sobre a identidade-território-Méier. É interessante notar esse processo concentrado durante as décadas de 1950 e 1960, e perceber como cinco décadas à frente, após a recente reinauguração do Imperator, agora Centro Cultural João Nogueira, essa relação persiste, em alguma medida¹⁶. A fim de ilustrar a influência real do Imperator no lançamento de tendências, Moraes afirma:

A irreverência do tempo teve uma de suas melhores traduções na Turma do Imperator. Para frequentar o Imperator, e a agitação ao seu redor, vinha gente de todos os pontos da cidade. O hall do cinema era uma verdadeira passarela para a elegância das jovens e uma vitrine para os mais ousados topetes dos rapazes. Em frente ao Imperator, formava-se uma enorme fileira de lambretas. Ao fim das sessões, os pilotos saíam em disparada, sempre com uma beldade na garupa. Foi o auge dos jaquetões de couro, das blusas amarradas acima dos umbigos e de muita calça jeans. (MORAES, 2004, p. 50).

Naturalmente, os padrões descritos no trecho acima comunicam-se com uma realidade maior, no próprio contexto da cidade como um todo, porém é importante estabelecer que essas relações ao redor e no interior do Imperator transpuseram-se para as práticas dos moradores do Méier, inclusive.

A construção de uma identidade estabelece uma comunidade de sentido, dotada de uma força coesiva e transfiguradora do real. [...] É uma construção imaginária que se apoia sobre os dados concretos do real e os reinterpreta por imagens. (PESAVENTO, 1995, p. 115-116).

Nesta seção, foram analisados um pouco do histórico do Imperator e do bairro do Méier, a fim de conhecer a relação estabelecida entre ambos ao longo do tempo. A seguir, com base nas reflexões propostas durante o trabalho, serão abordadas a reinauguração do Imperator – Centro Cultural João Nogueira, as principais ações da

¹⁵ MORAES, 2004, p.49

¹⁶ Essa questão será desenvolvida no 4º e último capítulo.

gestão atual, o aparente direcionamento da política cultural do espaço, para, por fim, refletir-se acerca do seu posicionamento atual.

5. IMPERATOR 2012: POLÍTICA DE GESTÃO, APROPRIAÇÃO POPULAR E O DISCURSO DA PROGRAMAÇÃO

5.1. Políticas de gestão para identidades e espaços

A noção de identidade cultural vem sendo desenvolvida e trabalhada ao longo dos capítulos anteriores, sob o ponto de vista do sujeito. O território entra na discussão enquanto espaço de trocas e ressignificações; contudo, neste ponto faz-se necessário discorrer sobre um outro aspecto: a identidade do espaço. Também construída em conjunto, a partir das relações desenvolvidas em seu interior e de sua própria história, esses traços identitários comunicam-se com uma “atratividade urbana [que] deveria se dar, a princípio, pelas singularidades que criam identidades próprias aos lugares” (RODRIGUES, 2012, p. 82).

Esse tipo de reflexão mostra-se fundamental no tocante à elaboração de um plano de gestão. A equipe de profissionais à frente de um equipamento cultural precisa incorporar determinadas discussões de ordem filosófica e conceitual a sua atuação e formas de pensar cultura. No caso do Imperator, por se tratar de um espaço cuja identidade foi-se construindo ao longo de décadas, essa importância redobra, como salienta Gabriela Pomp, turismóloga, e uma das articuladoras do Território Criativo Grande Méier, coletivo responsável pela organização de atividades na região:

Para mim, enquanto moradora e engajada com as dinâmicas culturais aqui do Méier, é importante perceber que o Imperator não perdeu o que tinha de mais, sei lá, dele, mesmo. Tantas pessoas passaram por lá, gente de todo

lugar, meus pais, os amigos deles, sabe? As pessoas tem esse carinho pelo Imperator, eu acho¹⁷.

O depoimento de Gabriela coloca uma questão importante: o histórico de um espaço. Um lugar cuja identidade tenha sido muito vivenciada e reforçada pelos seus frequentadores, certamente está passível de sofrer comparações entre o que se propunha a ser e aquilo em que se tornou. Essa cautela, reflexão e, sobretudo, planejamento competem à gestão deste equipamento.

Todo equipamento cultural encontra-se situado em um espaço, um território. A depender da compreensão sobre o contexto espacial em que se encontra tal equipamento, as relações entre estes micro (espaço cultural) e macroterritório (local onde se encontra) podem ser frágeis ou consistentes; a política de gestão desse espaço será uma das responsáveis por dimensionar essas relações.

Ao utilizar o termo “política de gestão”, faz-se referência à união – ou melhor, ao uso simultâneo – de dois conceitos: política e gestão cultural. Alexandre Barbalho (2005) afirma ser a política cultural o conjunto de princípios norteadores e reflexivos de ações culturais, ao passo que a gestão organiza e gerencia os meios para a execução dessas ações. A “política de gestão”, a partir desses termos, compreenderia os objetivos e fins da política cultural daquele equipamento, articulados aos processos erigidos para operacionalizar ações necessárias ao cumprimento de tais objetivos.

Sob esta perspectiva, a política de gestão seria o ponto de maior importância no planejamento de ações de um equipamento cultural. Todos os eventos da programação estariam dialogando com essa política norteadora para o uso do espaço, de forma a reforçar a sua própria identidade, perante o público, o próprio equipamento, e o território em que está inserido. Haesbaert (2005) lembra que “enquanto ‘espaço-tempo vivido’, o território é sempre múltiplo, ‘diverso e complexo’, ao contrário do território ‘unifuncional’ proposto pela lógica capitalista hegemônica”. Ou seja, o Imperator, enquanto espaço-tempo vivido, sofreu influências para a construção de sua identidade ao longo de cinco décadas, das quais, três esteve em pleno funcionamento, e duas, esteve fechado. Em síntese, o Imperator não representa apenas um centro cultural para o Méier, mas também um marco na identidade daquele macroterritório – como foi exposto nas seções anteriores. Por

¹⁷ Depoimento concedido por Gabriela Pomp, em 01/06/2014

essas razões, a necessidade de uma política de gestão bem fundamentada e articulada à história deste espaço é tão visível.

Os processos de deslocamento das identidades urbanas também ocorrem em função do tempo e dos novos usos propostos para aquele espaço:

As identidades urbanas tem uma temporalidade de construção, que articulam uma coerência própria, perceptível numa determinada época. Mas as ideias e imagens viajam no espaço e podem permanecer enquanto representação e padrão de referência identitária, mesmo depois que a 'cidade real' tenha mudado e não corresponda mais à cidade imaginária. (PESAVENTO, 1995, p. 118-119).

Utilizando-se do raciocínio de Pesavento, pode-se perceber como essa coerência é importante e absolutamente orgânica aos processos de construção de identidades, à época em que acontecem. Nesse trecho, é possível identificar parte da história de apropriação do Imperator, e os sentidos construídos neste lócus, como a Turma do Imperator, mencionada no capítulo anterior. E o fato de as imagens viajarem no tempo e permanecerem enquanto representação de uma identidade construída no passado, mas que persiste, ao menos aos olhos de alguns, pode-se tornar um facilitador ou dificultador da política de gestão atual de um espaço reaberto – como no presente caso estudado. Especificamente sobre as peculiaridades do ofício de um gestor, Rosa Vilas Boas¹⁸ afirma:

Trabalhar nessa área exige uma série de conhecimentos que proporcionem uma atuação reflexiva, crítica e especializada. Reflexiva e crítica, no sentido da consciência do papel de agente no desenvolvimento cultural, que sempre se questiona sobre a cultura que se quer reforçar. Seria a da alienação? Do simples entretenimento? Ou uma modalidade de cultura que proporciona conhecimento, desenvolvimento pessoal e social do indivíduo? (VILAS BOAS, 2005, p.100-101)

Na visão da autora, a atuação de um gestor precisa envolver crítica e reflexão, de forma a garantir o desenvolvimento da atividade cultural. A partir dessa perspectiva, pode-se dizer que, em alguns casos, a política de ocupação do espaço,

¹⁸ VILAS BOAS, Rosa. **Gestão Cultural**. In: RUBIM, Linda (Org.) Organização e Produção da Cultura. Salvador: Edufba, 2005.

a qual norteará a sua programação, também será uma das atribuições da equipe gestora – responsável por pensar o uso daquele espaço, em ambas as suas dimensões, entendendo essa “produção a partir de sua múltipla e diversificada carga semântica: qualquer espacialidade é rica de significados, assim como é rica e diferenciada a sua apropriação pelos diferentes atores sociais”. (RODRIGUES, 2012, p. 82). As consequências de uma gestão não planejada e alheia às particularidades históricas da identidade cultivada pelo espaço podem variar desde o vago reconhecimento de uma “cidade transfigurada”¹⁹ até a criação de “locais indiferentes à região”²⁰.

5.2. Antes e depois: números, fatos e repercussões da reabertura do Imperator

Após 16 anos fechado, em 2012 o Imperator foi reinaugurado, após uma reforma no valor de R\$ 27 milhões, custeados pela prefeitura do Rio²¹. A direção artística e gestão do espaço ficou a cargo de Aniela Jordan, produtora cultural sócia-diretora da Aventura Entretenimento²². Pouco mais de um ano após a reinauguração do espaço, um coletivo de artistas e articuladores locais fundaram o Território Criativo Grande Méier²³, um espaço de encontros para os interessados em discutir arte e produção cultural naquele recorte territorial.

Para esta pesquisa, procurou-se dialogar com a gestão do Imperator, a qual não se revelou suficientemente acessível. A partir da impossibilidade de diálogo com a gestão do espaço, a metodologia adotada para se discutir a política de gestão desse espaço foi:

- a. análise da programação do Imperator, de junho de 2012 a junho de 2014;
- b. pesquisa documental de reportagens e artigos midiáticos reportando o funcionamento do espaço em questão;

¹⁹ “Por vezes, os significados de alteram, as imagens se desfazem, e a primitiva identidade é alterada, substituída por uma outra articulação de coerência que permite o reconhecimento da cidade transfigurada” (PESAVENTO, 1995, p.119)

²⁰ “Criam-se, assim, locais que não se constituem como territórios devidamente apropriados, não se constituem como ‘lugares’. Criam-se locais artificiais, cuja infraestrutura pode ser muito boa, mas que são locais indiferentes à região” (RODRIGUES, 2012, p. 82)

²¹ De acordo com reportagem no Jornal Extra, conforme imagem disponível nos Anexos.

²² Mais informações em <http://www.aventuraentretenimento.com.br>

²³ <http://facebook.com/TerritorioCriativoMeier>

- c. depoimentos de frequentadores do espaço nas redes sociais;
- d. reflexão sobre todas as informações colhidas.

Durante os seus primeiros dois anos de funcionamento, o Imperator tem funcionado com aparente sucesso de público. Segundo a frequentadora Dayse Figueiredo, “a programação está excelente. Antes não tínhamos nada disso, teatro, shows, cinema pertinho de casa. Frequento muito esta casa e fico feliz em saber que não preciso ir à zona sul ou shopping para me divertir”²⁴. Nesses dois anos, o Imperator teve em sua programação 178 eventos, entre as áreas de Música Brasileira, Música Instrumental/Internacional, Dança, Teatro Adulto, Teatro Musical, Teatro Infantil, Cinema, Ações Locais/Cultura Urbana, e Exposições/Memória. O gráfico 1²⁵ ilustra essa divisão:

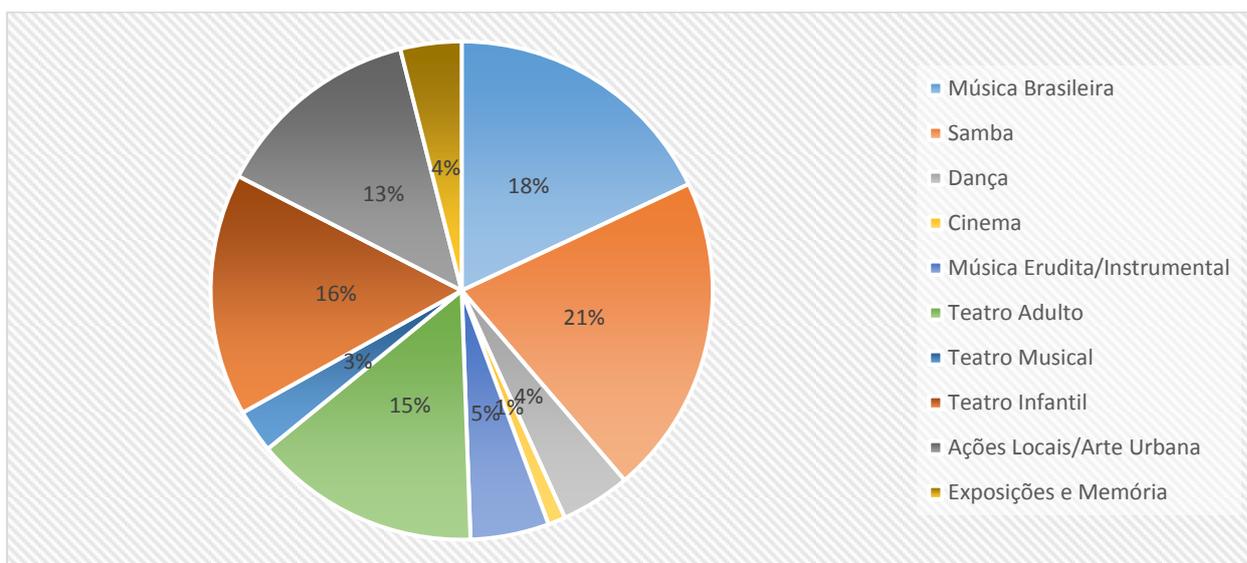


Gráfico 1: Atividades por áreas artísticas

Fonte: Informações colhidas de informativos mensais de programação

Analisando o gráfico 1, é possível notar que a maior parte da programação é composta por shows musicais, sobretudo de música brasileira. Em seguida, teatro infantil e teatro adulto, e então, ações locais e arte urbana. O fato de o Imperator ter sido uma grande casa de shows por bastante tempo durante a sua primeira abertura

²⁴ Depoimento deixado na página do Imperator no Facebook, no dia 24/05/2014. Disponível em: <https://www.facebook.com/imperator.centroculturaljoaonogueira?sk=reviews>

²⁵ Informações retiradas dos informativos mensais de programação do Imperator no Facebook. Disponíveis em: https://www.facebook.com/imperator.centroculturaljoaonogueira/photos_stream?tab=photos_albums

contribui para este resultado, uma vez que a identidade desse território firmou-se por um longo período de tempo dessa maneira.

A tabela a seguir ilustra de que maneira, ao longo desses dois anos, a programação do Imperator foi se construindo, que linguagens ganharam ou perderam espaço. O período de dois anos citado foi subdividido em 4 semestres, compreendendo junho à dezembro de 2012, janeiro à junho de 2013, julho à dezembro de 2013 e janeiro à junho de 2014.

Linha de Atividade	Sem. 1	Sem. 2	Sem. 3	Sem. 4
Samba	14	8	2	13
Música popular	7	9	5	10
Música Erudita / Internacional	7	0	2	1
Dança	3	1	4	0
Cinema	2	0	0	0
Teatro	8	5	5	5
Musical	1	2	3	0
Infantil	16	4	6	4
Exposições e Memória	2	4	2	1
Ações Locais/Cultura Urbana	1	9	10	5
Total de Atividades do Semestre	61	42	39	39

Tabela 1: Programação do Imperator ao longo de 4 semestres, por linha de atividade.

Fonte: Informações colhidas de informativos mensais de programação

Observando-se os dados representados pela Tabela 1, pode-se inferir algumas possibilidades acerca do planejamento da gestão do Imperator:

a. No primeiro semestre – junho a dezembro de 2012 – houve uma aparente preocupação em realizar bastantes ações, de forma a haver uma programação bem cheia e diversificada. O total de atividades neste período é 56, 41% maior do que nos semestres 3 e 4. No entanto, a partir dos semestres seguintes, a amplitude da programação reduz-se, de maneira geral. Ao mesmo tempo, a programação musical, unindo suas três estratificações, é a mais forte durante todos os semestres.

b. Enquanto que na maioria das linhas de atividade, a frequência seja decrescente, na categoria Ações Locais/Cultura Urbana, o movimento é o oposto. Percebe-se nessa linha de ação²⁶, uma proposta de continuidade de ações. O aparecimento de apenas uma atividade dessa categoria no primeiro semestre, mais especificamente em dezembro de 2012, ilustra que nos 6 primeiros meses de

²⁶ Essa informação pode ser verificada na programação completa do Imperator, na seção Anexos.

ocupação do Imperator, a gestão, aparentemente, estava alheia a esse tipo de manifestação local²⁷, ou então estudava formas de trazê-la para dentro do espaço. Uma vez que houve esse encontro, como enxerga-se na tabela 1, ações nesta categoria obtiveram mais espaço.

c. Após os shows de música, a programação de teatro é a mais presente. No semestre 1, o total de shows somam 28, e o de peças teatrais, 25, No semestre seguinte, 17 shows, para 11 espetáculos. A linha de teatro infantil também tem bastante notoriedade, mostrando-se como a principal entre as artes cênicas, nesse contexto.

d. As ações na categoria Exposição/Memória podem figurar de maneira tímida diante dos números das outras linhas de atividade, mas como são exposições, tendem a ficar por mais tempo, por mais que a variedade seja reduzida, se comparada às demais linhas de ação. O interessante é a forma como essas ações eram casadas; exposições de artistas que faziam shows naquele mês, potencializando o alcance de ambos os eventos.

d. De todas as apreensões, a mais nítida é a ênfase na programação de samba. No primeiro semestre, esta linha de ação só fica atrás de teatro infantil, dada a alta rotatividade deste segmento – mas também, o número de espectadores de um show de música é provavelmente bastante maior do que uma peça de teatro. A trajetória dos shows de samba ao longo dos quatro semestres pode gerar diferentes opiniões; inicialmente, a opção de colocar no primeiro semestre de ocupação 14 shows de samba é uma forma de garantir um bom lançamento desse espaço. A identificação do subúrbio e da zona norte com o samba possui raízes na história dessa manifestação cultural, e essa herança permanece viva.

O samba e a marcha, antes praticamente confinados aos morros e subúrbios do Rio, conquistaram o país e todas as classes. [...] O samba nasceu e cresceu no Centro do Rio e não nos morros e subúrbios, por onde se espalhou. (VIANNA, 1995, p.11)

A aposta e a ênfase do Imperator em iniciar a sua programação com shows de samba, em meio a uma extensa programação que incluía grandes shows

²⁷ O evento em si chama-se Arte Urbana no Terraço, mais informações podem ser adquiridas em <https://www.facebook.com/pages/Arte-Urbana-no-Terra%C3%A7o/426023834132212?fref=ts>

internacionais, revela uma intenção de posicionar este espaço, novamente, “lado a lado com os modernos bairros da zona sul”, porém sem se desvincular – por completo – de suas raízes. Esse sentido de modernização modificou-se ao longo dos anos, conforme os hábitos culturais e de consumo também o fizeram – afinal, vive-se em um mundo líquido-moderno. Neste sentido, Vianna faz uma distinção a qual pode-se aplicar, em partes, à reinauguração do Imperator e o seu posicionamento:

A utilização de sua trajetória, com todas as suas contradições, como exemplo principal de relacionamento entre elite e cultura popular, é apenas fruto do reconhecimento de seu papel central também incontestável no processo de criação da ideia de uma unidade nacional brasileira, que pode ter no samba um símbolo de identidade. (VIANNA, 1995, p. 14)

O posicionamento preconizado pelo Imperator – de forma consciente ou não – é corroborado pela narrativa midiática, que atribui a esse espaço o crédito da revitalização do Méier. O jornal Destak²⁸ aponta, em uma de suas reportagens, a passagem da banda australiana Tame Impala pelo Méier, e muitas das notícias vinculadas às ações do Imperator, de alguma forma sublinham a ocorrência de algo que dificilmente aconteceria na zona norte, caso não fosse lá. Outros exemplos são os jornais Extra, dia 15 de junho de 2013; O Dia, dia 14 de junho de 2012, à época da reinauguração; Revista O Globo, data indisponível, atestando a volta do Méier ao “cardápio cultural da cidade”, com a reinauguração do Imperator.²⁹

A recepção do público acerca do novo modelo de programação do centro cultural divide opiniões. Há pessoas bastante satisfeitas em relação a ter opções diversificadas de arte e lazer perto de casa, e, ao mesmo tempo, há pessoas que desejam um foco maior nas manifestações locais. As figuras 1 e 2 nas páginas a seguir, retiradas da página no Facebook do Imperator³⁰, esboçam duas situações distintas.

²⁸ Jornal Destak, dia 16.08.2013. Consta na seção Anexos.

²⁹ Todos na seção Anexos.

³⁰ Os nomes foram em parte omitidos, assim como as fotos dos depoentes.

AVALIAÇÕES



Dayse

★★★★★ 24/5/2014

Ninguém fica satisfeito! Reclamam de barriga cheia. A programação do Imperator está excelente. Antes não tínhamos nada disso, teatro, shows, cinema pertinho de casa. Frequento muito esta casa e fico feliz em saber que não preciso ir à zona sul ou shoppings para me divertir.

Curtir · Comentar · 21



Ilha

★★★★★ 9/6/2014

O máximo, o nome do Imperator uma homenagem a João Nogueira foi tudo de melhor, eu sou da época de fundação do Club do Samba, das gravações da Rede Globo na casa dele na Visconde Thunay... com Clara Nunes, Jovelina, muitos outros.

Curtir · Comentar · 5

Figura 1: Depoimentos de duas pessoas sobre o Imperator

Fonte: <https://www.facebook.com/imperator.centroculturaljoaonogueira>

 **Izabel Nogueira** Imperator Centro Cultural João
7 de julho às 02:15 · 🌐

AMIGOS ME AJUDEM !! É SÓ ENTRAR NO LINK E DEIXAR UM RECADINHO PEDINDO PARA O BAILE CHARME DO IMPERATOR NÃO ACABAR, COMPARTILHEM POR FAVOR !! OBRIGADO!!

Querida família charmeira: O Baile Charme Black Style não pode acabar !! Entre em contato com o Imperator Centro Cultural João Nogueira através deste link: <http://www.imperator.art.br/contato.html>...vã na aba contatos e deixe o seu recado ! Não basta curtir esta mensagem, precisamos agir e rápido !! Compartilhem por favor, obrigada !!

Curtir · Comentar · 👍 3 💬 1

👍 3 pessoas curtiram isso.

 Escreva um comentário...

 **Imperator Centro Cultural João Nogueira** Olá, Izabel Cristiane

Há sim a possibilidade de voltarmos com o Baile Charme no futuro, pois sabemos que é uma manifestação cultural importante para o Rio de Janeiro. Porém, temos o compromisso de promover também outros tipos de manifestações artísticas.

O objetivo do Imperator é sempre dar a oportunidade a diferentes eventos e formatos no espaço, garantindo a excelência e a variedade da programação para os moradores do Méier e visitantes de outros bairros.

Agradecemos a compreensão.

Curtir · Responder · 13 h

 **Izabel** Não vamos desistir, já mandei mensagens para o Sr. Prefeito i iremos fazer uma manifestação cultural em frente ao Imperator Centro Cultural João Nogueira,poxa, é só uma vez por mês !!

Curtir · 10 h

Figura 2: Reivindicação de uma frequentadora pela volta do Baile Charme no Imperator

Fonte: <https://www.facebook.com/imperator.centroculturaljoaonogueira>

Por um lado, é interessante notar como os frequentadores de apropriaram do espaço online, como lugar de diálogo e convivência. É também bastante positivo a gestão do Imperator estimular o uso do Facebook dessa forma, dando atenção às questões de seus usuários. No entanto, na figura 2, é possível observar o que seria um pequeno conflito de interesses: Uma frequentadora pergunta pelo fim do Baile Charme, e a gestão a responde afirmando o seu “compromisso de promover também outros tipos de manifestações artísticas”. Essa ruptura, em termos de conjuntos de ações, pode parecer um pouco incoerente, uma vez que outras

manifestações de arte urbana e cultura local estão sendo fomentadas. Ao mesmo tempo, por esta exata razão, o Baile Charme pode ter sido suspenso, para dar espaço a outras formas de arte. Estas escolhas serão tomadas com base na política de gestão dos espaços. Para concluir esse capítulo, deixa-se novamente a pergunta de Rosa Vilas Boas: a que cultura se quer reforçar? “Seria a da alienação? Do simples entretenimento? Ou uma modalidade de cultura que proporciona conhecimento, desenvolvimento pessoal e social do indivíduo?”. (VILAS BOAS, 2005, p.100-101).

6. CONCLUSÃO

Após a discussão de diversos aspectos sobre a realidade pesquisada, a construção de identidades, tanto dos sujeitos quanto dos espaços, o reconhecimento da territorialidade própria do bairro, foi possível perceber a vastidão das ações do Imperator sobre este local.

Desde o seu surgimento inicial, o então cinema/casa de shows, polarizou investimentos e atenções para o bairro do Méier, contribuindo para as relações futuras que seriam estabelecidas naquele local.

No entanto, todo o valor histórico do Imperator, mantém-se no nome – agora, com o reforço de Centro Cultural João Nogueira, outro grande sambista do bairro. A imagem representada por esse espaço remonta ao período em que fora mais significativo.

Se à sua época áurea, a casa de shows já era vista como sinônimo de modernidade e equiparação à zona sul, após a reinauguração em 2012, parte desses sentidos parece que foram reincorporados ao novo Imperator: guardadas as devidas proporções, a gestão atual do espaço ainda deseja lhe impor um ar de modernidade padrão zona sul, investindo em espetáculos de teatro com figuras midiáticas, que já passaram pelos teatros da zona sul, assim como em shows internacionais e de música erudita. Porém, esse desejo não é exatamente condenável, visto que os moradores do bairro se orgulham em ter atrações internacionais no subúrbio carioca.

O importante, nesse caso, é saber priorizar as ações e não realizar uma programação “para inglês ver”, em detrimento de fomentar as manifestações culturais locais da região.

Portanto, a conclusão desse processo de pesquisa é a de que o Imperator – Centro Cultural João Nogueira, transita suas ações entre as formas de arte mais estimuladas na região, com propostas externas, advindas das próprias visões de arte de seus gestores; ao mesmo tempo, é importante reconhecer o trabalho de resgate da memória do local, por meio das exposições propostas. Porém, em suma, as diferentes direções em que caminham suas ações revelam uma política de gestão frágil.

REFERÊNCIAS

- BARBALHO, Alexandre. **Política Cultural**. In: RUBIM, Linda (Orgs.) Organização e produção da cultura. Salvador, EDUFBA; FACOM/CULT, 2005
- BAUMAN, Z. **Identidade**. Rio de Janeiro, Zahar, 2005
- _____. **Vida Líquida**. Rio de Janeiro, Zahar, 2009
- COELHO, Teixeira. **Dicionário Crítico de Políticas Culturais**. SP, Iluminuras, 2004
- DEL RIO, Vicente. **Reconquistando a imagem urbana e o espaço dos pedestres: o projeto Rio-Cidade no centro funcional do Méier**, Rio de Janeiro. In *Modernidade, exclusão e a espacialidade do futuro*. Brasília, Anais: Encontros Nacionais da ANPUR, 1995. Disponível em:
<http://www.anpur.org.br/revista/rbeur/index.php/anais/article/view/1654/1628>
- HAESBAERT, Rogério. **Da desterritorialização à multiterritorialidade**. X Encontro de Geógrafos da América Latina. São Paulo: USP, 2005
- _____. **Territórios Alternativos**. São Paulo: Contexto, 2013
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na Pós-Modernidade**. Rio de Janeiro, DP&A Editora, 1997
- MORAES, Cristina Vignoli. **Bairros do Rio: Méier e Engenho de Dentro**. Rio de Janeiro: Fraha, 2004.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. Relação entre História e Literatura e Representação das identidades urbanas no Brasil (séculos XIX e XX). In **Anos 90: Revista do Programa de Pós-Graduação em História**. Porto Alegre. N. 4 (dez. 1995), p.115-127.

RODRIGUES, Luiz Augusto F. **O lugar da cultura. A cultura do lugar.** In: PragMATIZES – Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura, Ano 3, nº 4, mar. 2013. p. 76-91. Disponível em: www.pragmatizes.uff.br

SANTOS, Boaventura de Souza. **Modernidade, identidade e a cultura de fronteira.** In Tempo Social; Rev. Social. USP, S. Paulo, 1993

SANTOS, Milton. **Pensando o Espaço do Homem.** São Paulo, Edusp, 2012

VIANNA, Hermano. **O mistério do samba.** Rio de Janeiro: Zahar, 1995

VILAS BOAS, Rosa. **Gestão Cultural.** In: RUBIM, Linda (Org.) Organização e Produção da Cultura. Salvador: Edufba, 2005.

WAGNER, Roy. **A invenção da cultura.** São Paulo: Cosac Naify, 2010

ANEXOS

Anexo I – Programação completa do IMPERATOR – jun/2012 a jun/2014

LEGENDA	
<i>Musical</i>	<i>Samba</i>
<i>Infantil</i>	<i>Música popular</i>
<i>Exposições e Memória</i>	<i>Música Erudita / Internacional</i>
<i>Ações Locais/Cultura Urbana</i>	<i>Dança</i>
<i>Teatro</i>	<i>Cinema</i>

Junho de 2012
Cidade Negra
Leo Jaime
Teresa Cristina e os Outros cantam Roberto Carlos
A Bela Adormecida por Lasanha e Ravioli
Cine Méier Carioca
Os Homens são de Marte... E é pra lá que eu vou!

Julho de 2012
Clube de João
Clube do João com Candongueiros
Serjão Loroza
Beatles num Céu de Diamantes
Gato de Botas
Imperator de portas abertas: Mágico Janjão
Caravana - memórias do picadeiro

Agosto de 2012
Tame Impala
As Canções que Você Dançou pra Mim
Ron Carter
A Mecânica das Borboletas
A Propósito de Senhorita Julia
Dona Flor e Seus Dois Maridos
Peter Pan em Novas Aventuras
Joaquim e as Estrelas

Setembro de 2012

Erasmu Carlos
Jorge Vercillo
Cia. Brasileira de Ballet
Festival do Rio
Jon Anderson
Vida e Memória de João Nogueira
A Princesa e o sapo

Outubro de 2012

Dudu Nobre convida Tia Surica e Monarco da Portela
Mariene de Castro no show Roda Baiana
Mariene de Castro com Diogo N e Arlindo Cruz
Orquestra Jovem Paquetá
Ensina-me a Viver
Hermanoteu na Terra de Godah
A Floresta Mágica
A Fábrica de chocolate
Circo da Silva no Espetáculo {Riante!}
O Rei Leão
Liga da Justiça
João Nogueira Madeira de Lei - Artes visuais
Arte Urbana no Terraço

Novembro de 2012

Áurea Martins
Detonautas
Diogo Nogueira
Mumuzinho
Rita Benedictto Show Tencomacumba
Silas de Oliveira - o Poeta dos Carnavais
O Lago dos Cisnes
Orquestra Sinfônica Petrobrás
A casa dos budas ditosos
Troca-Troca de livros
O Patinho Feio

Dezembro de 2012

Ana Carolina
Arlindo Cruz
Bem Kweller
Stevie Wonder
Auto da Alegria
Pinocchio em Aventuras de Lasanha e Ravioli

Janeiro de 2013

Eduardo Canto - 124 anos do Méier
Marina Lima
Três Marias
Tudo por um Popstar
Arte Urbana no Terraço - 2ª edição
Exposição Maneira de Ser - Marina Lima
Sassaricando

Fevereiro de 2013

Arte Urbana no Terraço - 2ª edição
Exposição Maneira de Ser - Marina Lima
Tudo por um Popstar
Sassaricando

Março de 2013

Fernanda Abreu
Formatura do Clubinho do Samba
Moraes Moreira, Davi Moraes e Banda
BOOM
Farsa da Boa Preguiça
Leonardo - o Pequeno Gênio Da Vinci
Arte Urbana no Terraço - 3ª edição
Som lá no Alto - artistas locais

Abril de 2013

Diogo Nogueira e a Bateria da Portela
Eduardi Canto em Chega de Saudade
Domésticas
Salve Jorge Fernando
O Rouxinol e o Imperador
Arte Urbana no Terraço - 4ª edição

Maio de 2013

Baile do Bola

Lobão

Martinho da Vila

O Rappa

The Fevers

Giselle

Uma peça como eu gosto

A revista do ano o olimpo carioca

A vida de um B-boy

Arte Urbana no Terraço - 5ª edição

Lançamento do Livro O Nascimento do Samba

Junho de 2013

Martnalia

Nando Reis

Paralamas do Sucesso

Roda de Choro

Zélia Duncan

Festa Junina do Imperator

Arte Urbana no Terraço - 5ª edição

Baile Charme do Imperator

Exposição Martinho da Vila

Julho de 2013

Enlace - a Loja do Ourives

A História de Romeu e Julieta

Arte Urbana no Terraço - 6ª edição

Exposição Martinho da Vila

Agosto de 2013

Dado Villa-Lobos

Mulheres Cantam Beatles

A Arte e a Maneira de Abordar seu Chefe para Pedir um Aumento

A Pequena Sereia: O Sonho de Ariel

Arte Urbana no Terraço - 7ª edição

Baile Charme do Imperator

Setembro de 2013

Isabella Taviani - Gravação do DVD

Sururu na Roda - Marquinhos de Oswaldo Cruz e Moacyr Luz

Emily

Viver sem Tempos Mortos

Os Três Porquinhos

Arte Urbana no Terraço - 8ª edição

Baile Charme Black Tie

Nouvelle Vague

Outubro de 2013

João Bosco

Nós Sempre Teremos Paris

O Meu Sangue Ferve por Você

Tim Maia - Vale Tudo

Branca de Neve

Tapetes Contadores de Histórias

Sarau Méier

Novembro de 2013

Elymar Santos

Mariene de Castro no show Ser de Luz

Leo Gandelman

A Confissão

O Boi da Cara Preta

Arte Urbana no Terraço - 9ª edição

Baile Charme Black Tie

Brasil Black - Dia da Consciência Negra

Exposição Elizeth Cardoso

Dezembro de 2013

3 Pontos - Cia. Focus

Cia de Ballet do Rio - Movimentos Clássicos

O Quebra Nozes

Dom Quixote

Arte Urbana no Terraço - 10ª edição

Janeiro de 2014

Arlindo Cruz e Arlindo Neto e Mocidade
Baby do Brasil
Jobim Jazz
Luiz Melodia
Marcelo D2
Orquestra Imperial
Sombrinha
Razões pra Ser Bonita
Tarzan - O Homem da Selva
Arte Urbana no Teatro
Baile Charme Black Tie
Exposição Beth Carvalho - Madrinha do Samba

Fevereiro de 2014

À Beira do Abismo, me cresceram asas
A Bela Adormecida
Galinha Pintadinha

Março de 2014

Beth Carvalho
Joanna
Marina Iris e Julio Estrela - Tributo a Dorival Caymmi
Teresa Cristina e Áurea Martins
O Submarino
Flicts

Abril de 2014

Adriana Calcanhoto
Blitz
Coletivo Samba Noir
Marcio Gomes
E aí, comeu?
Arte Urbana no Terraço - 11ª edição
Baile Charme Carioca

Maio de 2014

35 anos do Clube do Samba

Leila Pinheiro - Eu Canto Samba

Martnália

Moacyr Luz e o Samba do Trabalhador

Paulinho Moska

Rio Musica Contemporânea

Michael Sullivan

A História de Nós 2

Cinderela de Gato e Sapato

CEP Vinte Méier - Chacal

Junho de 2014

Ed Motta

Moyseis Marques - Show Junino

Show de cultura para o Méier

Diogo Nogueira canta na reabertura do Imperator, que está de volta repleto de atrações

LEANDRO SOUTO MAIOR
leandro.souto@odiamet.com.br

João Nogueira morou na Rua Dias da Cruz, bem em frente ao endereço do Imperator, célebre cinema e, depois, casa de shows que agitou a Zona Norte carioca nos anos 90 e que será reaberta ao público nesta sexta-feira. Portanto, nada mais adequado que o show de inauguração seja com seu filho, o também cantor Diogo Nogueira. Na noite de terça-feira, ele fez um aprovado 'test-drive' da casa, em apresentação apenas para convidados, com a presença de artistas e do prefeito Eduardo Paes.

"Meu pai estaria muito orgulhoso de me ver aqui neste palco. O samba, sem dúvida, está em festa", decretou Diogo Nogueira, emocionado.

De fato, é bem provável que João estivesse babando. É que o novo Imperator está, na verdade, inserido no Centro Cultural João Nogueira, uma estrutura de três andares que vai trazer ainda salas de cinema e de exposições, sendo a primeira justamen-

te sobre a vida e obra do célebre sambista.

Fechado desde 1996, o Imperator está novinho em folha, todo reformado pela Riourbe, em um investimento de R\$ 28 milhões. Além do espaço cultural, a população do Méier celebra também a chegada esta semana da Unidade de Ordem Pública (UOP) ao bairro.

"É uma alegria devolver esse espaço tão tradicional na Zona Norte, além de homenagear um supercarioca suburban, que encantou esta cidade e deixou uma família linda

Programação do espaço vai receber peças, musicais, shows e espetáculos de dança

com uma grande voz, seu filho Diogo", disse o prefeito.

Diogo cantou sambas clássicos e contou com a participação de convidados, como Alcione e a bateria da Portela. Na platéia, o sambista Monar-



MARCO CORTEO
Eduardo Paes e Diogo Nogueira beijam a bandeira da Portela na exposição sobre João Nogueira

co, o ator Marco Nanini, o jornalista Sergio Cabral, a modelo Isabel Fillardis, o cantor Gerardo Azevedo e o empresário Luiz Calainho aplaudiam.

O espaço para o público comporta 607 pessoas senta-

das em arquibancadas móveis que, reajustadas, aumentam a capacidade para receber até 1.500 pessoas.

"A programação vai trazer musicais, espetáculos infantis, shows, teatro, dança, en-

fim, a ideia é ser eclética", antecipa Aníela Jordan, diretora artística do Imperator.

No domingo, o Centro Cultural João Nogueira vai abrir as portas para o público conhecer o espaço sem pagar nada.

SHOW Líder Kevin Parker admite ser difícil definir o som da banda ao Destak

Psicodélico com groove da Austrália ao Méier

Banda australiana Tame Impala toca hoje no Imperator com influências do pop e do indie rock

BRUNO ALFANO
bruno.destak@gmail.com

A banda australiana Tame Impala tem um som particular. Tanto que nem mesmo Kevin Parker, líder do quarteto – que toca hoje no Imperator –, consegue definir com precisão.

"Um som psicodélico com o peso do groove? Eu acho. É bem difícil descrever a nossa própria música", reconhece o vocalista Parker em entrevista ao Destak.

A confusão é resultado



A banda: Kevin Parker, Jay Watson, Dominic Simper e Nick Allbrook

das múltiplas referências do único disco da banda, o "Innespeaker". Fãs dos clássicos setentista, os músicos têm influência da música eletrônica dos anos 2000 e flertam até com os hits do pop.

"A música pop tem um efeito bom no meu cérebro. Ela é pura. Gosto de fazer melodias pop e colocá-las em sons malucos", conta Kevin Parker.

'Do Brasil? Mutantes!'

Criada em 2007, a banda estreia no Brasil depois de uma campanha de financiamento coletivo.

"Eu não sei se aumenta a responsabilidade assim. A gente faz o que a gente faz e espero que seja memorável para o público carioca", diz Parker, que aponta uns brasileiros na própria música: "Os MUTANTES!", assim, com maiúsculas, como quem grita com certeza.

Imperator Rua Dias da Cruz, 170, Méier. Hoje, às 21h. R\$ 80.

ZONA NOBRE

Com a reinauguração do Imperator, que ganha sobrenome de Centro Cultural João Nogueira, Méier volta ao cardápio cultural da cidade. Saiba como se divertir nesse e em outros points do bairro

LEANDRO SOUTO MAIOR
leandro.souto@odinec.com.br

A gaiata frase "quem mora no Méier não bobéia", que já batizou bloco de Carnaval e até foi parar em refrão de música, ganha novo motivo para ser falada, com ainda mais orgulho, pelos moradores do bairro da Zona Norte. O lendário cinema Imperator, inaugurado em 1954 como a maior sala da América Latina, e que de 1991 a 1995 abrigou uma badalada casa de espetáculos, ganha nova vida a partir de hoje, com show de Diogo Nogueira. Recém-batizado como Imperator

— Centro Cultural João Nogueira, o espaço reúne agora, em seus três andares, palco para grandes apresentações, sala de exposições e três salas de cinema (estas estreiam no segundo semestre).

"Meu pai morava bem em frente ao cinema. Ele foi diretor do bloco carnavalesco Labareda do Méier e ganhava todos os concursos de samba por lá", conta Diogo Nogueira, orgulhoso. O cantor Serjão Loroza também tem lembranças da casa. "Uma vez, fui ao Imperator ver um show do Tim Maia. Ele

não foi, mas eu fui", brincou, na reabertura do lugar para convidados, esta semana.

Bobeia quem não está por dentro do que o bairro oferece. Nosso roteiro, embalado pela reinauguração do Imperator, começa exatamente do outro lado da rua. Não ache que está entrando em um túnel do tempo ao dar de cara com uma rara loja de discos de rua, repleta de LPs (os clássicos vinis), vendidos por módicos R\$ 5 cada. A Venezinha resiste há 80 anos, ali na esquina da Dias da Cruz com a Rua Oliveira.

"Esse ponto aqui é muito bom", explica Orestes De Luca, um dos donos da loja, sobre a longevidade do negócio em tempos de pirataria. "Mas o segredo mesmo é gostar do que se faz. Eu amo música. Sei histórias de empresários que só querem saber do resultado financeiro e sequer têm aparelho de som em casa".

De Luca entrega o jogo, mas um colega de bairro faz mistério sobre como seu negócio ga-

nhou status até de ponto turístico do bairro. Antonio Carlos Allendorf, 'mundialmente' conhecido no Méier como o Gaúcho do Cachorro-Quente, há 26 anos vende sua iguaria no número 256 da Dias da Cruz.

"Quem não conhece meu cachorro-quente não conhece o Méier! O que faço é simples: salsicha e maionese de boa qualidade, mas com um tempero especial que só quem trabalhou com comida francesa identifica e eu não revelo! Tenho um know-how fantástico de comida", gaba-se.

Depois de provar a misteriosa receita do Gaúcho, que tal um cafezinho? Se achou Allendorf uma figura, se prepare para conhecer a argentina Marcela Monica. É só atravessar a rua e entrar no Shopping do Méier. Dona da cafeteria Crepecafé, ela coleciona elogios com o sorriso simpático. "Estou no Brasil há 30 anos e ainda não aprendi a falar o português direito", brinca sobre seu carregado sotaque portenho, aliás, um

de seus charmes para encantar a freguesia. “Nesse mundo globalizado, dou muito valor às relações humanas”, ensina.

Todo fim de semana, a Dias da Cruz fecha para carros e fica aberta apenas ao público, que se esbalda ali. Bem no início, na Praça Agripino Grieco — a popular Pracinha do Méier — costumam se apresentar de grupos musicais a uma turma jogando capoeira. Ali mesmo, quando a noite cai, a dica é entrar na rua ao lado, a Silva Rabelo, e adentrar o chamado Baixo Méier: um punhado de bares anexos, onde uma turma jovem se amontoa para comer, beber e jogar conversa fora.

De repente lá você até esbarra com Toni Garrido, que na próxima semana canta no Imperator com o Cidade Negra e celebra a boemia do Méier. “Quando ali virou igreja, a Zona Norte lamentou. Igreja pode abrir em qualquer lugar, mas uma casa de shows dessas, não. É um milagre essa reabertura!”, decreta.

CACHORRO-QUENTE DOGAÚCHO

Rua Dias da Cruz 256 (9769-5393). Diariamente, a partir das 15h. R\$ 6.

CREPECAFÉ

Rua Dias da Cruz 255, loja 119, Shopping do Méier (2289-3779). Segunda a sábado, das 10h às 22h. Domingo, das 15h às 21h. Café por R\$ 2,50 e crepes a partir de R\$ 11,95.

IMPERATOR — CENTRO CULTURAL JOÃO NOGUEIRA

Rua Dias da Cruz 170 (3259-1998). Exposição sobre a vida e obra de João Nogueira, de terça-feira a domingo, das 8h às 22h. Grátis. Livre. Show de Diogo Nogueira, hoje e amanhã, às 21h. R\$ 50. 18 anos. Domingo, o espaço abre as portas a partir das 9h para visitaçaõ pública.

Também se apresentam Cristina Buarque e Paulão 7 Cordas interpretando o repertório de João Nogueira, em duas sessões, às 16h e às 19h.

VENEZINHA DISCOS

Rua Oliveira 3 (3627-2356). De segunda a sexta-feira, das 10h às 22h. Sábado, das 10h às 14h. Discos de vinil a partir de R\$ 5.

MEMÓRIAS DO MÉIER

■ **NÃO É EXATAMENTE** um Projac, mas o Méier tem entre seus habitantes históricos um punhado de globais, como Tais Araújo, Adriana Esteves e Fátima Bernardes. A apresentadora, inclusive, viveu no bairro um momento profissional decisivo em sua vida.

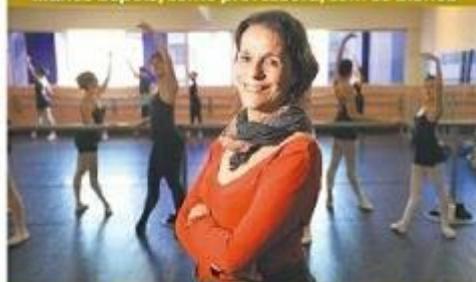
“Ela começou aqui com 7 anos de idade, veio corrigir um defetinho na perna, se formou na nossa primeira turma de bailarinos e depois virou professora”, recorda Angela Ferreira, diretora artística do histórico Centro de Dança Rio, que já foi a maior escola da cidade e continua exportando talentos na Rua José Veríssimo 16. “Deu aulas para crianças durante muito tempo e, já formada em Comunicação, chorou muito quando teve que decidir entre o balé e o jornalismo. Lembro de nós duas sentadas, juntas, quando ela me comunicou que teria que abandonar as crianças. Ela gostava muito dos alunos”, emociona-se a diretora, listando ainda, orgulhosa, que teve também entre suas bailarinas a atriz Juliana Alves.



Fátima Bernardes (centro): primeiros passos...



...anos depois, como professora, com os alunos



Angela Ferreira, diretora artística da escola

Após 16 anos, Imperator reabre no Méier com show

Prefeitura investiu R\$ 28 milhões na reforma do espaço, que terá também peças de teatro. Primeira apresentação será de Diogo Nogueira, Alcione e a bateria da Portela

PEDRO LANDIM
landim@odianet.com.br

Após 16 anos fechado, o Imperator, no Méier, vai reabrir ao público no dia 15 de junho, com show de Diogo Nogueira em homenagem ao pai, que terá participações de Alcione e a bateria da Portela. Ontem, o prefeito Eduardo Paes visitou as obras do espaço, que agora se chamará Centro Cultural João Nogueira.

“Eu quero a Broadway!”, pediu Paes a Aniela Jordan, coordenadora da casa de shows e produtora de musicais como ‘Hair’, sucesso na Zona Sul. A empresa de Aniela, a Produzir, foi escolhida em seleção pública pela Secretaria Municipal de Cultura sem licitação, confor-

me mostrou a coluna **Informe do Dia** essa semana. A Produzir receberá R\$ 20,359 milhões por dois anos para manutenção e programação do espaço.

“Não vamos fazer nada chinfrim. É para trazer o Diogo e também a Shirley MacLaine”, avisou o prefeito, citando artista que já pisou no palco do anti-

go Imperator, e hoje tem 78 anos. Segundo Aniela, o Imperator terá shows em torno de R\$ 50, teatro adulto a R\$ 40 e infantil a R\$ 25, considerando os ingressos inteiros. “Quase todo o público hoje paga meia”, lembrou a produtora.

As obras foram orçadas em R\$ 28 milhões e o novo espaço terá três salas de cinema — as primeiras do bairro —, café e restaurante, em três pisos, com terraço aberto à população. No dia 24, em pedido da Associação de Moradores do Méier (AMME) aprovado pelo prefeito, Diogo cantará de graça em frente ao Imperator.

As salas de cinema e o restaurante passarão por licitação e ainda não têm data de abertura marcada.

NA MEMÓRIA AFETIVA

O coração do Méier

Novo Imperator retoma posto de principal atração do bairro, com público de todas as idades

FERNANDA PONTES
fpontes@oglobo.com.br

A artesã Adriana Guedes se perde ao contar a quantos espetáculos assistiu desde que foi inaugurado há um ano, mais exatamente no dia 15 de junho, o Centro Cultural João Nogueira, no Méier. Todos os fins de semana ela aparece por lá, seja acompanhada do marido, em peças como "Ensina-me a viver", ou dos filhos Allan, de 10 anos e Yngrid, de 15, em musicais e atrações infantis. Ela não é a única a frequentar intensamente o novo espaço. Após mais de uma década fechado, o antigo Imperator — que já foi o maior cinema da América Latina e a casa de espetáculos onde se apresentaram nomes como Tina Turner e Bob Dylan — se consolidou como a grande atração da cena cultural do Méier, para orgulho de seus antigos frequentadores e de adolescentes da região, que ainda não haviam tido a chance de conhecer o maior símbolo do bairro.

O sucesso do novo Imperator — o nome Centro Cultural João Nogueira ainda não pegou — pode ser traduzido em números: 749.396 mil visitantes foram ao espaço em um ano, o que dá uma média de 62 mil por mês. O lugar amplo e arejado em cada lembrança o antigo Imperator, com suas paredes escuras. Hoje funcionam ali um teatro com capacidade para 642 pessoas (ou 1.067 em pé), além de três salas de cinema, galeria, café e um amplo terraço com vista para os prédios vizinhos. O único projeto que não deslanchou — essa é a maior queixa de seus frequentadores — é o do restaurante que seria aberto no terceiro andar.

Para a curadora da casa, Aniele Jordan, além de o Imperator estar na memória afetiva do bairro, a "mistura" é que deu certo:

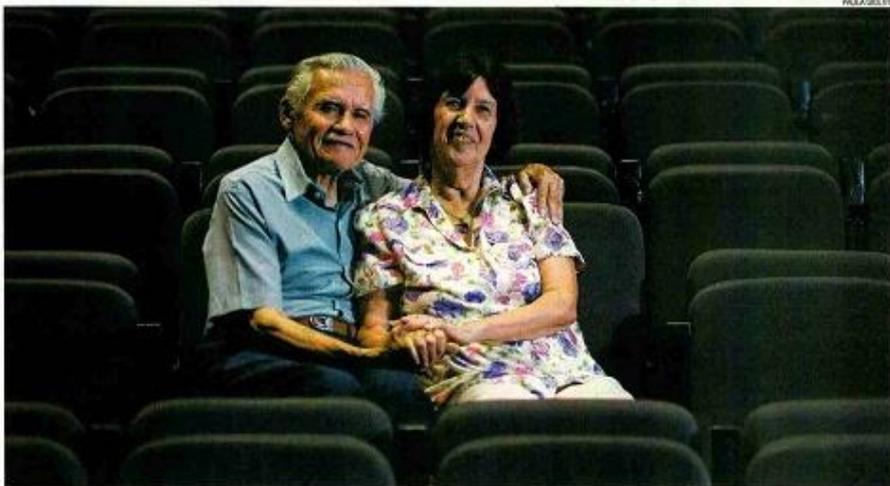
— O João Nogueira deixou de ser um casa só de espetáculos. Temos uma programação diversificada todos os dias da semana. E acho que uma coisa leva à outra. A pessoa vai ao cinema, conhece outras atrações da casa e acaba voltando. O baile "Saúde não tem idade", por exemplo, em que reunimos senhoras para ouvir músicas antigas do Lupicínio (Rodrigues), é um sucesso — diz ela, acrescentando que o show do grupo O Rappa, em maio passado, foi um dos mais procurados.

MUSICAIS, UMA DAS MAIORES ATRAÇÕES

Já passaram pela casa artistas internacionais como Stevie Wonder, Ron Carter e Jon Anderson, além de nomes nacionais, como Diego Nogueira (filho de João Nogueira) e Ana Carolina. Outra atração que chama bastante público são os musicais, que já somam 447 apresentações. Também foram montadas duas exposições sobre a vida e a obra de João Nogueira e Martinho da Vila (em cartaz no momento). A próxima será sobre o centenário de Vinícius de Moraes.

Durante o período em que o Imperator esteve fechado, quem morava no Méier tinha medo de passar de noite pela Rua Dias da Cruz — onde está a casa de espetáculos —, porque a via ficava deserta. Na época, a associação de moradores recolheu 30 mil nomes num abaixo-assinado, pedindo uma solução para o problema. Segundo a moradora Adriana Guedes, para ir ao teatro ou ao cinema, uma alternativa era enfrentar longos engarrafamentos até a Barra da Tijuca. Seu maior medo era quanto ao que seria feito com o prédio do Imperator.

— Toda vez que passava por aqui, eu ficava pensando: será que vão transformá-lo em igreja? Seria horrível. Nada contra igreja, mas no



Boas lembranças. Wilson, de 78 anos, e Josepha, de 77, no novo Imperator: o casal recorda com saudade o tempo em que ia ao antigo cinema, quando ainda namorava



Ponto de encontro. Mariana (ao centro) e amigas no terraço: o centro cultural já virou um dos lugares preferidos dos jovens, que vão lá para conversar e até estudar



Em família. Adriana com os filhos Yngrid e Allan

Méier não tínhamos boas opções de lazer.

A reabertura da casa possibilitou que a adolescente Yngrid assistisse a mais de 20 apresentações do musical "Tudo por um pop star", inspirado no livro homônimo de Thailita Reboças. A jovem integra a nova geração do Imperator, frequenta as salas de cinema e aproveita o local para fazer os trabalhos da escola com as amigas:

— Aqui temos espaço de sobra, a gente abre cartolina, tem cadeira para todo mundo.

NO ESCURINHO DO CINEMA

Mas ninguém se emocionou mais com o novo Imperator que o casal Wilson, de 78 anos, e Josepha Soares, de 77. O casal, uma espécie de memória viva do bairro, frequentava o Cine Imperator quando namorava e se lembra com riqueza de detalhes daquela época.

— Era um ambiente requintado. Comprávamos o drops Dulcora e depois assistíamos a filmes como "Tarde demais para esquecer" — conta Josepha, que na saída ia observar o mu-

vimento da "juventude transviada", que parava com suas lambretas na porta do cinema. — Algumas amigas minhas eram proibidas de vir aqui, as mães diziam que era um inferninho.

Embora o João Nogueira seja um equipamento da prefeitura, o centro cultural é gerido por uma empresa privada, escolhida por licitação. Para o secretário municipal de Cultura, Sérgio Sá Leitão, esse é o modelo certo de gestão:

— Deu tão certo, que poderemos usar esse modelo em outros equipamentos municipais.

Para Sérgio, o mais impressionante foi a ocupação jovem do terraço. Todas as tardes, estudantes uniformizados se reúnem ali — namoram, conversam e alguns até estudam.

— A gente vem aqui todas as terças e quintas no intervalo das aulas da manhã e da tarde. O lugar é lindo, muito melhor do que shopping — diz Mariana Carvalho, de 15 anos, insistindo em chamar o centro cultural de Imperator. — É que nem o Maracanã, ninguém chama de Estádio Mario Filho. ■